

**AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA  
BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

**NELMA DOS SANTOS PRATES**

**SEXUALIDADE NA ADOLESCENCIA E ORIENTAÇÃO SEXUAL**

**JUÍNA - MT**

**2014**

**AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA  
BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

**SEXUALIDADE NA ADOLESCENCIA E ORIENTAÇÃO SEXUAL**

**Autora: Nelma dos Santos Prates**

**Orientador: Dr. Francisco Curbelo Bermúdez**

“Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Psicologia, do Instituto Superior de Educação do Vale do Juruena – IES como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.”

**JUÍNA - MT**

**2014**

**AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA**  
**BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Professora Ma. Valéria Melki Busin**

---

**Professora Ma. Aparecida de França Villwock**

---

**Professor Dr. Francisco Curbelo Bermúdez**  
**ORIENTADOR**

Dedico primeiramente a Deus.  
A mim, e aos meus filhos João Vitor e  
José Augusto pela força e incentivo.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus. À instituição de ensino que me proporcionou meios para que eu conseguisse ingressar numa faculdade e realizar um sonho.

Segundo ao meu amado pai, *in memoriam*, um homem de esplêndida humildade e garra tornando-se para mim exemplo de superação e base para minhas maiores dificuldades incluindo a realização desse sonho.

Agradeço imensamente aos meus filhos amados, pela paciência e compressão de minha ausência, sem muitas cobranças, acreditando no futuro de um sonho realizado para nós.

Ao meu digníssimo esposo que se disponibilizou a cuidar dos nossos filhos, sem muitas queixas pela minha ausência junto à família.

A minha comadre Andreia Granjeiro pelo apoio e incentivo na minha luta para concluir a faculdade.

Ao meu digníssimo orientador Prof. Dr. Francisco Curbelo Bermúdez, além de ser um excelente profissional, é um ser humano de sensibilidade e solidariedade inestimável.

Aos adolescentes cuja sua participação foi primordial para realização deste trabalho.

Aos colegas de sala de aula, pois no decorrer desses cinco anos nos tornamos uma família acolhedora uns para com os outros.

Em fim a todos que direta ou indiretamente contribuíram na minha jornada nesses cinco anos de faculdade.

Obrigada!

*"É preciso criar oportunidades para que as pessoas reflitam sobre suas idéias, sentimentos e conflitos na área da sexualidade e envolvam a totalidade do seu ser na re-interpretação e reconstrução da realidade".*

**Tereza Cristina Pereira C. Fagundes**

## RESUMO

O presente trabalho refere-se a uma pesquisa realizada acerca da sexualidade na adolescência, visando detectar quais os conhecimentos que os adolescentes têm sobre isso, assim como as principais fontes de informação, segundo a percepção dos próprios adolescentes. Além disso, procuramos compreender como é realizada a orientação sexual a esses adolescentes. Tudo isso visando a inserção do profissional psicólogo na escola. Para esta pesquisa de caráter exploratório foram aplicados questionários e entrevistas a adolescentes com idades compreendidas entre 12 e 14 anos, todos os alunos de uma Escola Estadual do Município de Juína-MT, assim como a professores dessa mesma unidade escolar. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa para a análise das respostas obtidas, com o objetivo de compreender a complexidade dessa realidade. Foi possível constatar, então, as dificuldades que os adolescentes encontram para esclarecer suas dúvidas quanto à sexualidade, além da falta de conhecimentos. Percebemos, ainda, a necessidade, por um lado, de aperfeiçoar a orientação sexual na escola, por outro, da presença do profissional de psicologia, inserido numa equipe multidisciplinar, atuando como facilitador, como conscientizador, orientador, coordenador, supervisor numa educação e/ou orientação sexual efetiva e saudável.

**Palavras-chave:** Sexualidade, Adolescência, Educação e/ou Orientação Sexual.

## ABSTRACT

This paper refers to a survey about sexuality in adolescence, to detect what knowledge that adolescents have about it, as the main sources of information, as perceived by the adolescents themselves. In addition, we seek to understand how sexual orientation is held to these teenagers. All this aimed at the inclusion of professional school psychologist. For this exploratory research questionnaires and interviews with teenagers aged between 12 and 14 years, all students in a state school in the Municipality of Juína-MT, as well as teachers of the same school unit were applied. The research adopted a qualitative approach to the analysis of the responses approach, with the goal of understanding the complexity of reality. It was then possible to observe the difficulties that teens meet to clarify their doubts regarding sexuality, and lack of knowledge. Also realize the need, on the one hand, to improve the sexual orientation at school, on the other, the presence of psychology, inserted in a multidisciplinary professional team, acting as a facilitator, as conscientizing, supervisor, coordinator, supervisor and an education / or effective and healthy sexual orientation.

**Keywords:** Sexuality, Adolescence, Education and/or Sexual Orientation.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Caracterização dos alunos .....	56
Tabela 2 – Questionário aplicado com os alunos .....	57
Tabela 3 – Questionário aplicado com os alunos .....	58
Tabela 4 – Questionário aplicado com os alunos .....	59
Tabela 5 – Questionário aplicado com os alunos .....	60
Tabela 6 – Questionário aplicado com os alunos.....	61
Tabela 7 – Questionário aplicado com os alunos.....	62
Tabela 8 – Questionário aplicado com os alunos.....	63
Tabela 9 – Questionário aplicado com os alunos.....	64
Tabela10 - Questionário aplicado com os alunos.....	65
Tabela 11 – Questionário aplicado com os alunos.....	66
Tabela 12 – Questionário aplicado com os alunos.....	67
Tabela 13 – Questionário aplicado com os alunos.....	67
Tabela 14 – Questionário aplicado com os alunos.....	68
Tabela 15 – Questionário aplicado com os alunos.....	69
Tabela 16 – Questionário aplicado com os alunos.....	71
Tabela 17 – Entrevista aplicada com alunos .....	73
Tabela 18 – Entrevista aplicada com alunos .....	74
Tabela 19 – Entrevista aplicada com alunos.....	75
Tabela 20 – Entrevista aplicada com alunos.....	76
Tabela 21 – Questionário aplicado com professores.....	78
Tabela 22 – Questionário aplicado com professores.....	79
Tabela 23 – Questionário aplicado com professores.....	80
Tabela 24 – Questionário aplicado com professores.....	80

Tabela 25 – Questionário aplicado com professores.....	81
Tabela 26 – Entrevista com os professores.....	83
Tabela 27 – Entrevista com os professores.....	84
Tabela 28 – Entrevista com os professores.....	85
Tabela 29 – Entrevista com os professores .....	85
Tabela 30 - Entrevista com os professores .....	86

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO I</b> .....	<b>14</b>
<b>1. EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA SEXUALIDADE</b> .....	<b>14</b>
1.1 IDADE MÉDIA.....	14
1.2 IDADE MODERNA E CONTEMPORÂNEA .....	15
1.3 SEXUALIDADE E PROCESSOS HISTÓRICOS: CULTURA, VALORES E PRECONCEITOS.....	17
1.4 A EDUCAÇÃO E/OU ORIENTAÇÃO SEXUAL E SEU PAPEL NA FAMÍLIA....	17
1.5 EDUCAÇÃO E/OU ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA E O PAPEL DO EDUCADOR.....	20
1.6 INFLUÊNCIAS DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO E/OU ORIENTAÇÃO SEXUAL DOS JOVENS.....	23
1.7 VULNERABILIDADE .....	25
1.8 PAPEL DO PSICÓLOGO NO CONTEXTO ESCOLAR.....	25
VISANDO POSSIBILIDADES DE FUTUROS PROMISSORAS, MAIOR CONSCIÊNCIA E RESPEITO POR PARTE DOS JOVENS, “FUTUROS ADULTOS”, PARECE TER UM CAMINHO TRAÇADO, POR ISSO É IMPRESINDÍVEL COLOCAR TODAS ESSAS TEORIAS EM PRÁTICA, OU CASO CONTRÁRIO CONTINUAREMOS COM A MESMA REALIDADE A QUAL TEMOS NOS DEPARADO. ....	28
1.9 A EQUIPE MULTIDISCIPLINAR .....	28
1.10 CONSTRUÇÃO DA SEXUALIDADE NA FASE DA ADOLESCÊNCIA.....	30
1.11 EDUCAÇÃO SEXUAL X ORIENTAÇÃO SEXUAL .....	30
1.11.1 EDUCAÇÃO SEXUAL .....	30
1.11.2 ORIENTAÇÃO SEXUAL .....	31
1.12 GÊNEROS .....	32
1.13 DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS.....	33
1.14 ADOLESCÊNCIA.....	35
1.15 SEXO E SEXUALIDADE .....	38
1.15.1 PUBERDADE FEMININA E MASCULINA .....	41
1.15.2 MASTURBAÇÃO FEMININA E MASCULINA .....	42
1.15.3 CICLO MENSTRUAL .....	43

1.15.4. ABORTO.....	43
1.15.5 GRAVIDEZ PRECOCE .....	44
1.15.6 MÉTODOS CONTRACEPTIVOS.....	45
1.15.7 VIRGINDADE .....	45
1.15.8 DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS (DSTs) .....	46
1.16 MITOS E TABUS .....	47
CAPÍTULO II .....	49
2. METODOLOGIA .....	49
2.1 CONCEITO E CARÁTER DE PESQUISA .....	49
2.1.2 ESTRATÉGIA E LIMITAÇÃO DA PESQUISA.....	50
2.1.3 ASPECTOS ÉTICOS.....	50
2.2 MÉTODOS .....	51
2.3 OBJETO/UNIVERSO/AMOSTRA.....	52
2.4 DESCRIÇÕES DOS INSTRUMENTOS DA PESQUISA.....	52
2.5 COLETA DE DADOS.....	53
2.5.1 PERÍODO DE COLETA DE DADOS .....	53
CAPÍTULO III.....	55
3. ANÁLISE DE DADOS.....	55
3.1 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS APLICADOS COM OS ALUNOS .....	56
3.1.1 – ANÁLISE GERAL DO QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS ALUNOS .....	72
3.2 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS COM OS ALUNOS .....	73
3.2.1 – ANÁLISE GERAL DA ENTREVISTA COM OS ALUNOS.....	76
3.2.2 ANÁLISE CONJUNTA DAS RESPOSTAS AO QUESTIONÁRIO E ENTREVISTAS DOS ALUNOS.....	77
3.3 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO APLICADO AOS EDUCADORES.....	78
3.3.1 – ANÁLISE GERAL DO QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS PROFESSORES .....	81
3.4 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS COM OS PROFESSORES .....	83
3.4.1 ANÁLISE DA ENTREVISTA COM OS PROFESSORES .....	86
3.4.2 ANÁLISE CONJUNTA DO QUESTIONÁRIO E ENTREVISTA DOS PROFESSORES .....	87
3.5 ANÁLISE GERAL DA PESQUISA COM PROFESSORES E ALUNOS.....	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	90
REFERÊNCIAS.....	92
APÊNDICE.....	95

## INTRODUÇÃO

A motivação por esta pesquisa deu-se a partir de uma reflexão sobre a necessidade de uma educação e/ou orientação sexual de qualidade em prol a luta contra o abuso sexual, a falta de conhecimento de sua própria sexualidade, a gravidez precoce, as doenças sexualmente transmissíveis, dentre outros fatores. Outro aspecto motivador foi conhecer melhor esta área de atuação do psicólogo na escola.

Para definir o problema da pesquisa nos situamos não como uma pesquisadora realizando mestrado ou doutorado, para os quais a novidade científica é fundamental, mas como uma pesquisadora que busca subsídios para a atividade profissional, ou seja, a prática do psicólogo na escola, não em sentido geral, mas focalizando uma escola determinada. São diversas as questões às quais o psicólogo auxilia no trabalho escolar. Para fins deste trabalho, fizemos um recorte, destacando, então, a sexualidade na adolescência. A partir disso nos questionamos:

- Quais são os conhecimentos sobre sexo e sexualidade que os adolescentes pesquisados possuem?
- Quais são as principais fontes para a obtenção desse conhecimento que os jovens utilizam?
- Como está sendo realizada a educação sexual na escola pesquisada?

As respostas a essas questões fundamentam o planejamento, a organização e a realização do trabalho do profissional psicólogo no contexto educacional objeto desta pesquisa.

A partir da problemática apresentada colocamos os seguintes objetivos:

- Explorar os conhecimentos que os jovens têm sobre sexo e sexualidade.
- Determinar quais são as principais fontes de informação sobre sexo e sexualidade desses jovens, segundo a percepção dos mesmos.
- Compreender como é realizada a orientação sexual dos jovens na escola pesquisada.

Esta pesquisa nos permitiu observar o quão importante é o papel que o psicólogo, as famílias, a escola e os meios de comunicação exercem no esclarecimento das dúvidas e curiosidades sobre sexo e sexualidade desses indivíduos.

Este trabalho de conclusão de curso aborda o tema sexualidade na adolescência e orientação sexual, buscando investigar os conhecimentos que os adolescentes possuem sobre esta temática e quais são as principais fontes de informação. Além disso, buscamos conhecer como está sendo realizada a orientação sexual na escola pesquisada. Para tanto, além de revisões bibliográficas que tratam o assunto de interesse, foram aplicados questionários e realizadas entrevistas individuais com alguns adolescentes de idade compreendida entre 12 e 14 anos, matriculados no terceiro ciclo do ensino fundamental e professores que lecionam para esses alunos numa Escola Estadual na cidade de Juína.

A pesquisa conta com III capítulos: no primeiro capítulo se realiza a análise da literatura pesquisada sobre o tema. Inicia-se dispondo acerca da evolução histórica da sexualidade, buscando as diferenciações desse tema desde a Idade Média, até os tempos atuais, incluindo as influências religiosas no comportamento humano. Aborda ainda, a construção da sexualidade na adolescência, buscando caracterizar esse período da vida e as grandes modificações físicas e psicológicas.

Serão abordadas as diferenças entre sexo, gênero e sexualidade, assim como a vulnerabilidade dos jovens, os direitos sexuais e reprodutivos. Tratará ainda do papel de suma importância que a família exerce na educação/orientação sexual e que esses ensinamentos poderão ocorrer desde a infância, assim como a importância da escola na educação e/ou orientação sexual, em especial dos jovens, partindo do conhecimento que buscam, na maioria das vezes, informações em meios de comunicação como a *internet*.

Trataremos ainda do processo histórico das manifestações da sexualidade, a cultura, os valores e os preconceitos envolvidos nesse contexto, com destaque especial para o papel que as pessoas ou instituições que são referências dos jovens, tendem assumir para uma educação e/ou orientação sexual adequada, sejam eles pais e demais familiares, equipe escolar, meios de comunicação e suas influências, a equipe multidisciplinar com destaque ao profissional psicólogo.

Em continuidade, abordaremos a construção da sexualidade na adolescência, onde limitamos as referências e argumentações a essa fase da vida.

O Capítulo II refere-se à metodologia utilizada. Objetiva-se analisar os seguintes aspectos: metodologia, pesquisa qualitativa, procedimentos e instrumentos de pesquisa. Far-se-á uma descrição dos instrumentos utilizados para a recolhida dos dados, explicitando como foi realizada a pesquisa.

No Capítulo III, apresentam-se os resultados da aplicação dos questionários e entrevistas realizadas, assim como suas análises destes.

Por último realizamos as considerações finais, tendo em vista as questões colocadas inicialmente e os objetivos a atingir.

## CAPÍTULO I

### 1. EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA SEXUALIDADE

O conceito e entendimentos acerca do termo sexualidade sofreram mudanças no decorrer da história da humanidade, assim como sua prática e manifestações. Vivemos mudanças históricas que variam desde a repressão e expressão da sexualidade. Veremos isso no decorrer deste capítulo fazendo uma retomada histórica, desde a Idade Média até a contemporaneidade.

#### 1.1 IDADE MÉDIA

Na Idade Média<sup>1</sup>, o sexo teve conotações diferentes no oriente e ocidente, enquanto no oriente, embasado na crença hindu, o sexo era percebido como algo divino, no qual o prazer é valorizado e o alcance do orgasmo uma prática importante. Já o ocidente apresentava visão extremamente oposta, deixando marcas que persistem até a atualidade.

Nesse período, o cristianismo era severo com as mulheres, a começar pela interpretação do Antigo Testamento, sendo Eva considerada a origem do pecado e sofrimento humano. Segundo Lima (1996, p. 38) a igreja católica “associou definitivamente no imaginário cristão, sexo e pecado original”. A partir desse entendimento a mulher e o prazer são vistos como instrumentos do diabo, destinados tão somente, a afastar o homem de Deus.

Para a Igreja, que desde esse período era um dos principais meios de controle social, o sexo deveria ocorrer somente após o casamento e com objetivo único de procriação, sendo ainda, a prevenção à gravidez um pecado maior que o sexo por prazer ou fora do casamento. A relação sexual ou afetiva entre pessoas do mesmo sexo, a masturbação e a prática de sexo anal eram considerados pecados graves.

---

<sup>1</sup> Idade Média – período compreendido entre os séculos V e XV, inicia com a Queda do Império Romano do Ocidente e termina durante a transição para a Idade Moderna.

Lima (1996, p. 41), contribui com os seguintes dizeres acerca das proibições e desejos vividos:

Assim, por baixo da linguagem formalista, nos deparamos com dramas pessoais, e é isso que distingue os manuais como fonte preciosa para a História das Mentalidades. Através do discurso da ordem captamos o mundo do que ele mesmo classifica como desordem, ou seja, o mundo do desejo.

Percebemos que as represálias praticadas deixaram marcas na humanidade que se manifestam nos comportamentos atuais. Ainda no que se refere a Idade Média, a desobediência às proibições sexuais se mostravam crescente e como forma de controle, a Igreja passa a fazer uso da Santa Inquisição, no qual mulheres sedutoras eram acusadas de manter relações carnavais com o diabo e condenadas, então, a morrer na fogueira.

## 1.2 IDADE MODERNA E CONTEMPORÂNEA

Na idade moderna entre 1453 a 1798 a partir do século XV, falar sobre sexo tornou-se uma maneira popular de expressão.

A explosão de discursos sobre o tema levou a um movimento centrífugo em relação à monogamia heterossexual, regra básica da sociedade pós-vitoriana. Ao mesmo tempo, surgem diversas sexualidades periféricas, combatidas, porém, crescentes: atraem muita atenção, tanto dos códigos indulgentes, quanto da sociedade. Por fim, Foucault diz que é preciso abandonar a ideia de que as sociedades industriais iniciaram um processo de repressão intensa do sexo: segundo ele, há uma explosão visível de sexualidades heréticas e a garantia da proliferação de prazeres específicos e a multiplicação de sexualidades dispartadas. (BIERNATH, 2012, p. 1).

Percebemos com essas contribuições, que muito embora na época do Renascimento a nudez estivesse na moda e falar de sexo fosse um ato permitido, existiam limitações diante da aceitação social sobre os relacionamentos. A regra da monogamia heterossexual ainda prevalecia e o sexo era permitido se praticada a serviço de Deus.

Na idade contemporânea surgem novos assuntos relacionados ao sexo, entre eles o temor à superpopulação mundial e a possível escassez de alimentos, onde a primeira solução oferecida foi à abstinência sexual com o objetivo de evitar procriação. O controle da natalidade começa a ser disseminado na ascensão da burguesia, conforme contribuições de Costa (2012):

Na História da Sexualidade, Foucault mostrou a importância das preocupações demográficas na política dos Estados nacionais europeus e na formação da burguesia, com os principais elementos da redefinição sexual de homens, mulheres e crianças. O cuidado com o controle da população, em geral, e com a descendência das famílias burguesas, em particular, trouxe para o centro da cultura e atenção para com o sexo. A burguesia para impor-se como classe criou emblemas de prestígio que deveriam distingui-las das classes subalternas, dos povos colonizados e da antiga aristocracia. Uma das insígnias de diferenciação social e moral foi a sexualidade. O sexo burguês deveria ser diferente do sexo da plebe, dos colonizadores ou primitivos e dos nobres do Antigo Regime. As ideias de natalidade, mortalidade, fecundidade, prevenção sanitária e etc. estavam todas relacionadas ao medo da degenerescência da raça que formava as classes superiores e a população dos Estados nacionais. A sexualidade foi a placa giratória que permitiu integrar estes temas culturais à vida privada. (COSTA, 2012, p. 77).

Ideia essa, apresentada por Costa, considerada irreal, no entanto em 1900, inspirados por essas ideias, faz-se um grande esforço mundial para o controle da natalidade, com o surgimento dos primeiros preservativos masculinos de borracha, até que na década de 90 surge a camisinha feminina. No entanto, a prevenção à gravidez era vista com maus olhos pela Igreja, que considerava o sexo tão somente destinado a reprodução, o que continua sendo visível na atualidade.

Nos anos 60 pesquisadores desenvolvem o primeiro contraceptivo oral eficaz, fato que promove uma revolução na vida sexual feminina e as possibilidades da prática sexual por prazer e sem risco de engravidar, traz à sociedade uma maior sensação de liberdade, toda via em 1968 a Igreja Católica reafirma a moralidade condenando todas as formas artificiais de controle de natalidade. Em 1974, a Associação Psiquiátrica Americana deixa de rotular a homossexualidade como doença mental.

Quando a Sociedade de Psiquiatria Americana decidiu na década de 1970 despatologizar a homossexualidade, afirmou que as preferências de prazer sensual, mesmo as minoritárias, não são diferenças passíveis de intervenção técnica por princípio, não precisam ser “corrigidas”. Isso não aconteceu pela evolução da lógica interna de algum modelo clássico da psiquiatria, mas foi resultado de pressão dos movimentos de liberação dos anos 70 que revolucionou os paradigmas. (PAIVA, 2000, p. 39).

Nas décadas de 80 e 90, as preocupações com doenças sexualmente transmissíveis, em especial a aids, faz com que as campanhas nacionais de prevenção e combate a doença abordem com mais clareza o tema “sexo”. Já em 1998, chega ao Brasil os estimulantes sexuais que prometem garantir ereção em homens adultos que apresentam dificuldades orgânicas para tal, assim a terceira idade ganha uma ferramenta em prol do prazer e sexo após os 70 anos e

consequentemente as preocupações em relação às doenças nessa faixa etária aumentam.

### **1.3 SEXUALIDADE E PROCESSOS HISTÓRICOS: CULTURA, VALORES E PRECONCEITOS**

As mudanças relacionadas às manifestações e aceitação da sexualidade estão diretamente relacionadas e são influenciadas pela cultura, na qual o indivíduo está inserido, assim como os valores que são aprendidos e certamente as construções de conceitos e preconceitos que somos submetidos. Vale, desse modo, ressaltar uma célebre frase de Nelson Mandela, que retrata brilhantemente a aprendizagem do preconceito “*Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender e se podem aprender a odiar, podemos ser ensinadas a amar*”. E acrescentamos nesse contexto as distinções de gênero e educação e/ou orientação sexual que são alvos de inúmeras manifestações preconceituosas.

Veremos no decorrer deste capítulo as fontes de influências a que somos submetidos no decorrer de nossa formação.

### **1.4 A EDUCAÇÃO E/OU ORIENTAÇÃO SEXUAL E SEU PAPEL NA FAMÍLIA**

A família é a principal fonte de influência e aprendizagem social, considerada como primordial para o desenvolvimento da criança, adolescentes e jovens. Sendo assim é considerável a necessidade de um labor precoce por parte da família quanto à sexualidade, pois se em casa os pais e/ou responsável assumirem seu papel de primeiros educadores sexuais de seus filhos, esclarecendo as primeiras dúvidas desde a infância e posteriormente no decorrer de seu desenvolvimento, certamente muitas situações indesejadas podem ser evitadas e dessa maneira, temos a possibilidade de formar cidadãos mais conscientes e seguros para o exercício da sexualidade. Todavia percebemos uma grande dificuldade das famílias em tratar dessa temática. Muitos autores abordam esta perspectiva, como o que segue:

Estabelece-se que a sexualidade é função da família. Em primeiro lugar, a família não costuma ter o domínio da questão para lidar adequadamente

com ela. Segundo, não tem o controle dos meios, dos aportes de informações e estímulos que vem de todos os lados. (EGYPTO, 2003, p.14).

Infelizmente na maioria dos casos, por uma questão étnica, cultural, valores e/ou crenças a família se reprime em falar sobre a educação e/ou orientação sexual com seus filhos, às vezes por não saber lidar com o assunto, passando, então, a responsabilidade à escola que, muitas vezes, também não consegue fazer um trabalho de conscientização clara e objetiva, levando esses jovens a tomar conhecimento por conta própria e se colocando numa situação de risco, pois dessa maneira o que se percebe é que muitas vezes os jovens não possuem amadurecimento para saber discernir o que está certo ou errado sobre sexo. Ainda nesse contexto temos:

A educação integral em sexualidade desde a infância favorece a aquisição gradual da informação e dos conhecimentos necessários ao desenvolvimento das habilidades e atitudes apropriadas para viver uma vida plena e saudável, assim reduzir os riscos em matéria de saúde sexual e reprodutiva. (MUÑOZ, 2010, p. 75).

Assim, fica explícito que a educação e/ou orientação sexual pode ser construída e abordada com perspectiva de longo prazo, fato esse que exige ampla e naturalista abordagem<sup>2</sup>, por parte de seus familiares e professores para que a cultura enraizada em medos e crenças sofram mudanças consistentes.

De acordo com as contribuições de Brasileiro (2001), o ensino sobre sexualidade deve-se *a priori* considerar a individualidade a partir da reciprocidade do respeito, ou seja, a sua prática a si e ao outro deve ser uma constante no trato da sexualidade. Para tanto, os assuntos diretamente relacionados, como ereção, menstruação, poluções noturnas, reprodução e funcionamento dos órgãos genitais devem ser ensinados desde antes da puberdade. Por isso é fundamental que o processo de educação e/ou orientação seja desenvolvido em seu ambiente familiar e posteriormente na escola. O mesmo autor complementa ainda, inferindo que, a “educação sexual promove o amadurecimento sem: traumas, violências, abortos, doenças sexualmente transmissíveis, medos, preconceitos ou conflitos existenciais”. Evita, ainda, as consequências perigosas e indesejáveis dos atos sexuais praticados sem nenhuma responsabilidade. Tais práticas podem ser evitadas ou diminuídas

---

<sup>2</sup> Abordagem Naturalista segundo Denzin (2006) é o estudo das coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem.

através da educação e/ou orientação sexual. Cabe ainda considerar que as ideais apresentadas pelo autor, infelizmente não retratam a plena realidade, pois encontramos situações de vulnerabilidade com grande frequência que segundo (PAIVA, 2000, p. 42), “ser vulnerável significa não ter acesso aos meios para se proteger: acesso à saúde reprodutiva e camisinhas gratuitas e de boa qualidade, por exemplo, liberdade para escolher ou propor”.

Segundo Campos (2009), a família pode interagir de forma responsável e com sabedoria, oferecendo aportes adequados a seu filho durante o seu desenvolvimento, com intuito de trabalhar a maturidade emocional tornando-os capazes de satisfazer suas próprias necessidades, impulsos e desejo, com isso proporcionará ao indivíduo ser um cidadão maduro e responsável em uma sociedade livre.

Neste sentido, contamos com as colaborações de Papalia (2010, p. 454), mencionando que: “Da mesma forma que os adolescentes sentem-se tensos em relação à dependência que tem de seus pais e a necessidade de se libertarem, os pais frequentemente têm sentimentos confusos” em especial, acerca de como tratar assuntos relacionados à sexualidade, sendo assim foi possível perceber a grande influência dos fatores histórico-sociais sobre essas dificuldades. Em sua grande maioria, essas tensões causam conflitos familiares, devido até mesmo, à falta de conhecimento e por não saberem lidar com esses assuntos relacionados ao sexo e sexualidade, tornando-o um tabu algo que não pode ser falado abertamente com seus filhos, muitas vezes por influência da cultura, da religião, dos valores construídos na sua história de vida. Comportamento esses que contribuirão para a formação do desenvolvimento de seus filhos, trazendo sequelas futuras no seu processo de tomada de consciência.

Alguns aspectos importantes são indicados para serem abordados pela família:

- O respeito por si próprio e pela sua dignidade enquanto pessoa.
- O respeito pelo outro. A ninguém é permitido ver o outro como meio de satisfação de suas necessidades.
- O acesso à informação. Responder o que a criança quer saber de forma honesta e não preconceituosa.
- Ajudar a criança a desenvolver o espírito crítico, a capacidade de raciocínio e a reflexão para escolher o que lhe convém.

Muitas vezes poderemos nos deparar com famílias que acreditam que falar de sexualidade antecipará a prática sexual dos jovens, quanto a essa ideia Muñoz (2010, 15) contribui dizendo:

A ideia de que falar de sexualidade antecipada a idade de iniciação sexual sustenta muitas das opiniões contrárias a que se ofereça educação sexual. Este pseudoargumento não considera que as e os jovens buscarão com seus pares, tão desinformados como eles, conhecer por outras vias o que lhes negam a escola e a família. Quantas vezes nossos adolescentes diante do silêncio familiar, informam-se e *não-formam* olhando vídeos pornográficos que atualmente estão a seu alcance com um simples clic? Não é preciso dizer que dessa maneira irão adquirir parâmetros e comportamentos sexuais demais machistas, nos quais as mulheres são um objeto de uso e que se pode maltratar.

Outro fator importante acerca da sexualidade é que para lidar com a sexualidade dos filhos, os pais necessitam se defrontar com a própria sexualidade e esta situação pode gerar, muitas vezes, angústia e desconforto. A sexualidade dos filhos traz à tona para muitos pais, aspectos reprimidos da própria sexualidade.

## **1.5 EDUCAÇÃO E/OU ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA E O PAPEL DO EDUCADOR**

A escola possui um papel primordial na educação e/ou orientação sexual dos adolescentes, pois é caracterizada como um local que transmite conhecimentos e saberes, facilitando, assim, a abordagem do tema sexualidade e sexo em várias maneiras dentro da sua matriz curricular da instituição como tema transversal<sup>3</sup>.

Segundo Brasileiro (2001, p. 2), no sistema educacional:

A educação sexual deve sempre dar referências dos limites quanto ao respeito mútuo da individualidade. Antes da puberdade é importante que se conheça os fenômenos da menstruação, da ereção, das poluições noturnas, da reprodução, do funcionamento dos órgãos genitais.

Com isso, é necessário que os educadores tenham um conhecimento mais amplo sobre sexualidade e também sobre sua própria sexualidade, buscando maneiras diversificadas para trabalhar sobre o assunto de forma natural, utilizando ferramentas que façam do assunto algo que tem que ser falado, comentado e expressado de forma lúdica, interessante, responsável e principalmente como um

---

<sup>3</sup> Tema transversal é aquele que deve estar presente na escola como um todo e em suas variadas disciplinas, não necessariamente em uma específica.

assunto de suma importância para a vida humana, sobretudo estimulando os jovens na prática da “meditação e autoanálise; os comportamentos afetivos, sexuais e sociais do ser humano e referências comportamentais que visem estimular a responsabilidade, o respeito, o carinho e a tolerância nas relações afetivas e sexuais” (BRASILEIRO, 2001, p. 2).

Quanto às funções da escola os PCNs (1998<sup>4</sup>), em sua publicação sobre Orientação Sexual dizem que:

Se a escola deseja ter uma visão integrada das experiências vividas pelos alunos, buscando desenvolver o prazer pelo conhecimento, é necessário reconhecer que desempenham um papel importante na educação para uma sexualidade ligada à vida, à saúde, ao prazer e o bem-estar e que englobe as diversas dimensões do ser humano. (PCNS, 1998, p. 293).

A escola é um ambiente destinado à formação integral do ser humano, podendo abordar a sexualidade de uma forma eficaz e positiva, orientando os jovens sobre o respeito para com seu próprio corpo e o do outro, informando e dando subsídios fundamentais para a formação de cidadãos responsáveis e conscientes de suas capacidades.

Assim, segundo os PCNs (1998), a escola deve orientar os adolescentes para que eles sejam capazes de:

- Respeitar a diversidade de valores, crenças e comportamentos relativos à sexualidade, reconhecendo e respeitando as diferentes formas de atração sexual e o seu direito à expressão, garantida a dignidade do ser humano;
- Compreender a busca de prazer como um direito, uma dimensão da sexualidade humana e ao feminino posicionando contra a discriminação a eles associadas;
- Identificar e expressar seus sentimentos e desejos, respeitando os sentimentos e desejos diante de estereótipos;
- Reconhecer como construções culturais as características socialmente atribuídas ao masculino e ao feminino, posicionando contra a discriminação a eles associadas;
- Identificar e expressar seus sentimentos e desejos, respeitando os sentimentos e desejos do outro;

---

<sup>4</sup>Parâmetros Curriculares Nacionais. Disponível em: <portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livros.pdf.> Acesso em 16 set. 2013.

- Conhecer e adotar práticas de sexo protegido, desde o início do relacionamento sexual, evitando contrair ou transmitir doenças sexualmente transmissíveis, inclusive o vírus da Aids;
- Evitar a gravidez indesejada, procurando orientação e fazendo uso de métodos contraceptivos;
- Consciência crítica e tomar decisões responsáveis a respeito da sexualidade.

Sabemos, dessa maneira que é uma missão árdua e requer conhecimento para tal, mas que são regras fundamentais e que colabora para desenvolvimento do adolescente para, assim, se tornarem adultos maduros e com isso, serem possuidores de uma vida saudável e prazerosa.

A escola não necessita fugir de sua responsabilidade, pois é um espaço onde se transmite conhecimento, estimulando-os ao diálogo e a reflexão. É, portanto, um espaço privilegiado para discutir a sexualidade com adolescente. Na medida em que a escola se nega ou não consegue se capacitar para poder dar conta dessa responsabilidade, ela reforça a ideia de que a sexualidade não faz parte desse conhecimento humano, deixando, assim, esses adolescentes à mercê de informações errôneas que podem trazer consequências futuras na vida desses jovens. (EGYOTOS, 2003).

De modo geral, a educação sexual é precária, sendo um grande problema para os pais. As consequências podem ser desastrosas: podendo apresentar problemas familiares e sociais, criminalidade, droga, abandono, preconceito, conflitos psicoemocionais, dentre outros causando, desse modo várias dúvidas na vida do adolescente que estão expostos pela sua imaturidade e fragilidade na falta de conhecimento, de acordo com Brasileiro (2011).

Portanto, observa-se a importância na abordagem do assunto de forma mais tranquila, clara e prazerosa, a partir de um diálogo aberto, buscando entender as manifestações dessa sexualidade aflorada que condiz com a própria da idade.

A escola, nesse sentido, carecerá entre outras coisas, ensinar temas básicos sobre a sexualidade, promover a reflexão acerca do tema, oferecer ajuda sempre que necessário, estando atenta para casos de abuso sexual ou gravidez precoce, reforçar a noção de limites, muitas vezes, perdida por nossos jovens.

A orientação sexual nas escolas, discussão de questões polêmicas e delicadas, como masturbação, iniciação sexual, o “ficar” e o namoro,

homoafetividade, aborto, disfunções sexuais, prostituição e pornografias, dentro de uma perspectiva democrática e pluralista, em muito contribui para o bem estar das crianças, do adolescente e dos jovens na vivência sua sexualidade atual e futura (PCNs, 1998, p. 293).

Reforçando Souza (2002), o professor para trabalhar com orientação sexual na escola tem que ter várias habilidades. As habilidades que se espera de um orientador sexual são flexibilidade, compreensão, bom senso, confiabilidade (saber ouvir sem criticar) decisão rápida, mente aberta e personalidade equilibrada. Vai precisar de muito jogo de cintura, carisma, ser amigo, respeitador e deve ter um cuidado especial com os assuntos ligados aos diferentes pontos de vista das religiões, com as questões éticas, gêneros além de esforçar-se para não impor aos seus valores pessoais.

Trabalhar temas relacionados, com destaque especial neste momento, para os meios de comunicação midiáticos, conforme abordado no próximo item.

## **1.6 INFLUÊNCIAS DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO E/OU ORIENTAÇÃO SEXUAL DOS JOVENS**

A mídia é um meio de comunicação que tem como objetivo maior informar e não educar, cabendo aos responsáveis à tarefa de orientar os adolescentes, quanto às informações vindas da mídia.

Tanto a televisão quanto a *internet* estão presentes em um número imensamente significativo de lares e, são muitas vezes, os únicos meios de obtenção de informações para os jovens. “Os meios de comunicação exercem uma influência poderosa nas atitudes e nos comportamentos sexuais dos adolescentes e na maioria de forma negativa,” afirma (PEREIRA, 2005, p. 120). Pois, muitas vezes, a mídia traz uma visão distorcida da prática da atividade sexual e, quase sempre, associa sexualidade à diversão e excitação e por raras vezes associada à prevenção, dessa forma negando um trabalho de conscientização dos riscos.

Nesse contexto surgem dúvidas sobre o papel da mídia que em suas múltiplas manifestações e com muita força tem assumido relevante papel no desenvolvimento humano, ajudando a moldar visões e comportamentos. A mídia veicula imagens eróticas que estimulam precocemente crianças e adolescentes, aumentando a ansiedade e alimentando fantasias sexuais. É certo que também informa, veicula campanhas educativas, mas que essas nem sempre são dirigidas e

adequadas a esse público. Muitas vezes também moraliza e reforça preconceitos. Ao ser assimilado e elaborado por crianças e adolescentes, essa gama de informações e de mensagens pode acabar produzindo conceitos e explicações tanto errôneos quanto fantasiosos.

Os pais e professores possuem a tarefa de orientação de uma forma clara e objetiva para que os jovens consiga ter uma reflexão sobre o que esta vindo da mídia.

Segundo o Ministério da Saúde<sup>5</sup> (2000), uma das maiores preocupações dos pais, mães e educadores recai sobre a influência da televisão e vídeos comerciais no comportamento de crianças e adolescentes. “Nos tempos atuais, a televisão é provavelmente o meio de comunicação mais poderoso e fascinante para se chegar às pessoas e dificilmente adultos e educadores conseguem competir com ela.” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2000, p. 85). Fato esse que aumenta a preocupação dos responsáveis por jovens, uma vez que competir com a mídia é uma tarefa árdua e, muitas vezes, fadada ao fracasso. Por isso, a melhor alternativa é informar da melhor maneira sobre a sexualidade e estar sempre atento aos conteúdos acessados e assistidos por nossos jovens, motivando-os a questionar a veracidade das informações buscando lhe possibilitar outras fontes de conhecimento. O adolescente também sofre influências por outras fontes: da escola, de livros de pessoas que não pertencem à sua família. Atuando de maneira decisiva na formação sexual de crianças, jovens e adultos como infere o Ministério da Educação<sup>6</sup>

A TV veicula propaganda, filmes e novelas intensamente erotizados. Isso gera excitação e um incremento na ansiedade relacionada às curiosidades e fantasias sexuais da criança”. Há programas jornalísticos/científicos e campanhas de prevenção à AIDS que enfocam a sexualidade, veiculando informações dirigidas a um público adulto. As crianças também os assistem, mas não podem compreender por completo o significado dessas mensagens e muitas vezes constroem conceitos e explicações errôneas e fantasiosas sobre a sexualidade.

Diante do exposto é comum os alunos levarem para a escola estas questões. Todavia, cabe a escola desenvolver ação crítica, reflexiva e educativa, para sanar essas dúvidas percebemos que a *internet* e os celulares estão ocupando

---

<sup>5</sup> Ministério da Saúde. **Prevenir é sempre melhor** . Coordenação Nacional de DST e Aids. 1ª ed. Brasília, 2000.

<sup>6</sup>Ministério da Educação. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro102.pdf>> acesso em 16 Out. 2014.

um lugar anteriormente tomado pela comunicação televisiva, no entanto a preocupação gira em torno do mesmo sentido, a qualidade das informações encontradas nesses meios comunicativos.

## **1.7 VULNERABILIDADE**

Cabe ressaltar que as possíveis consequências diante de uma realidade que não atenda as necessidades plenas de educação e/ou orientação sexual, incluindo as necessidades de prevenção e apoio, expõem o indivíduo as situações de vulnerabilidade. Para Paiva (2000), o conceito de vulnerabilidade ajuda a entender a relação entre as discriminações sociais e os riscos decorrentes da prática sexual sem prevenção, como resultantes de condições socioeconômicas e culturais. “A vulnerabilidade significa não ter acesso aos meios para se proteger: acesso à saúde reprodutiva e camisinhas gratuitas e de boa qualidade, por exemplo, liberdade para escolher ou propor”. (PAIVA, 2000, p. 42). Existem ainda várias outras situações que colocam a criança ou adolescente em situação de vulnerabilidades, como por exemplo, a falta de alimentação e cuidados, a saúde, violências, situação estas que colocam em risco a vida dessas pessoas, deixando-as vulneráveis sem garantir seus direitos que são amparados pela ECA e constituídos na Resolução de 1988. Cabe ressaltar que a população desfavorecida socioeconomicamente são alvos de maior probabilidade para uma situação de vulnerabilidade e, ainda, não possuem conhecimentos necessários sobre os amparos que a Lei lhe garante.

Diante do exposto, torna-se importante considerar o papel da equipe multidisciplinar (escola, médico, enfermeiro, assistência social, psicólogo, dentre outros) para atuar diante dessa situação, orientado e encaminhando para os órgãos competentes tornando a função das políticas públicas efetivada em prol desses sujeitos.

## **1.8 PAPEL DO PSICÓLOGO NO CONTEXTO ESCOLAR**

Destaca-se, desse modo, que o papel do psicólogo é de suma importância no contexto escolar, atuante ativamente junto aos demais profissionais no ambiente

escolar como também de outras redes, pois contribui em diversos aspectos na educação e/ou orientação sexual escolar, uma vez que estuda em sua formação, entre outros assuntos, o comportamento humano, suas influências e motivações. Contribuindo assim, no auxílio com os professores, a direção, a equipe pedagógica em um trabalho conjunto em prol dos alunos, buscando a amenização de seus anseios, suas angústias, medos, vergonhas dentre outras situações na questão da sexualidade.

Nesse sentido, Moura *et al* (2011), em seu artigo intitulado “*Possíveis contribuições da psicologia para a educação sexual em contexto escolar*”, explicita que a sexualidade faz parte dos pressupostos da OMS<sup>7</sup>, pois possui conexões diretas com a personalidade do indivíduo, pensamentos, sentimentos e especialmente com a saúde, sendo assim ressalta-se a importância da psicologia vinculada a esse tema.

A educação e/ou orientação sexual dentro do ambiente escolar com o auxílio de um profissional psicólogo contribui na ênfase das informações sobre sexualidade humana aos adolescentes, no sentido de orientar sobre a importância dos sentimentos afetivos que envolvem cuidados que devem ser recíprocos, o que implica ver a si e ao outro como pessoa de direitos, contribuindo notoriamente com o desenvolvimento de recursos subjetivos que favorecem o comportamento sexual responsável, conforme infere Martinez (2010).

A orientação em relação ao sentido atribuído à sexualidade, suas influências, culturas relacionadas, a responsabilidade para consigo mesmo e com o outro, às dúvidas e inquietações sobre desejos e afetos, assim como a contribuição para o desenvolvimento do autoconhecimento, a autorreflexão, a capacidade de antecipar consequências e a tomada de decisões éticas, constituem um objeto significativo do trabalho do psicólogo escolar, um trabalho de extrema importância que auxiliará o jovem, tanto na sua expressão individual quanto na grupal num sentido mais amplo conforme Martinez (2010).

Ainda nesse sentido, Egypto (2003), assevera que um dos aspectos essenciais e complexos da psicologia escolar na abordagem desse tema, é buscar um caminho para tratar a questão do desenvolvimento da sexualidade de forma criativa e proveitosa, tornando-o o mais interessante e natural possível para todas as

---

<sup>7</sup> OMS – Organização Mundial da Saúde.

peças envolvidas nesse processo, alunos, professores, pais e a comunidade, porque se torna evidente a atuação desses jovens seus diferentes grupos sociais, suas manifestações e expressões e o crescente papel social que o jovem vem assumindo em nossa sociedade. É possível perceber que eles se tornam referências a outros jovens que também buscam respostas a seus questionamentos, atuando como multiplicadores formadores de opinião, disseminando ideias e conhecimentos.

Nesse sentido, destaca-se a necessidade de um psicólogo escolar inserido na instituição escolar, visando numa perceptiva de educação e/ou orientação sexual de qualidade, ampla e transparente, no intuito não apenas na educação e/ou orientação sexual de forma preventiva, esclarecedora, mas também em outros aspectos que se faz necessário dentro da escola como apoio ao educandos em suas dificuldades, com alunos que apresentam déficit de aprendizagem e comportamento, vítimas de abuso sexual, entre outros fatores que faz a presença do psicólogo imprescindível no contexto escolar.

O papel do psicólogo na instituição escolar tende a estar direcionado na forma de educação e/ou orientação sexual e prevenção, abordando temas relacionados à sexualidade na adolescência, utilizando-se de técnicas como palestras, debate em grupo, orientação individual na busca de aliviar seus sofrimentos psíquicos e emocionais, esclarecendo assuntos pertinentes, direcionado os anseios e dúvidas apresentadas pelos jovens.

Neste sentido Pinto (1995)<sup>8</sup>, afirma que o psicólogo escolar poderá intervir nas seguintes condições:

- Preencher as lacunas de informações existentes;
- Criar espaços para discussão das emoções contidas em valores que dificultam a assimilação das informações;
- Trabalhar tabus e preconceitos que frequentemente se instalam por medo e insegurança subjacentes;
- Problematizar questões levantadas pelos grupos.

Assuntos relacionados à sexualidade dos adolescentes que devem ser esclarecidas no decorrer de sua vida contribuindo para formação íntegra sobre o desenvolvimento da personalidade com vistas à formação de adolescentes que em

---

<sup>8</sup> PINTO, Maria Cristina Domingues. **Boletim GTPOS (Grupo de Trabalhos e Pesquisa em Orientação Sexual)** n. 4 Jul-Set 1995. Disponível em: < <http://www.gtpos.org.br/Images/boletim/4.pdf>>. Acesso em: 10 Set 2014.

breve se tornarão futuros adultos confiantes e responsáveis na tomada de decisões de sua vida sexual e interpessoal.

“A luz de pressupostos, a questão que tentamos começar a responder como educador e psicólogo social é: como as pessoas se tornam sujeitos e agentes reguladores da própria sexualidade, e não objeto de desejos dos outros e roteiros sexuais dos outros [...]”. (PAIVA, 2000, p. 216).

Diante de tudo que já foi abordado, fica claro a necessidade importância da atuação do psicólogo juntamente a equipe multiprofissional nesse contexto. O psicólogo escolar, exerce uma atuação promissora no contexto escolar, buscando trazer apoios nas relações sociais que constituem a escola, entre professores, alunos, pais e gestores. Segundo (MOURA *et. al* 2011, p. 441), contribui dizendo que o psicólogo escolar possui capacitação para intervir em assuntos de sexualidade:

[...] tendo umas das instrumentalizações mais importante a escuta qualificada em que se deve sobrepor os juízos morais, sendo considerada a abertura para assuntos polêmicos e à diversidade de opiniões, inclusive preconizada pelo código de ética dessa profissão, estando passível a punição quem desconsidera-la.

Visando possibilidades de futuros promissoras, maior consciência e respeito por parte dos jovens, “futuros adultos”, parece ter um caminho traçado, por isso é imprescindível colocar todas essas teorias em prática, ou caso contrário continuaremos com a mesma realidade a qual temos nos deparado.

## 1.9 A EQUIPE MULTIDISCIPLINAR

Sendo a escola um local de convívio de inúmeras pessoas com diversas personalidades diferentes, influências culturais e ainda onde se manifestam comportamentos, dúvidas e medos, faz-se necessário a atuação de profissionais de diversas áreas de atuação.

Multidisciplinar<sup>9</sup> significa reunir várias disciplinas em prol de um único objetivo, ou de um objetivo final, nesse caso a melhor qualidade de educação/orientação sexual para os jovens.

---

<sup>9</sup> Significado de Multidisciplinar. Disponível em: <http://www.significados.com.br/multidisciplinar/> Acesso em: 20 Set. 2014.

Cabe ainda ressaltarmos que existem os conceitos de interdisciplinar, que está diretamente relacionado a ação recíproca entre as disciplinas e com um objetivo final que de acordo com Nicolescu<sup>10</sup> (1999), interdisciplinar “diz respeito à transferência de métodos de uma disciplina para outra” (p. 11), e transdisciplinar que vai além da relação entre as disciplinas perpassando para um modo de pensar organizado que pode atravessar as disciplinas e dar uma espécie de unidade. Conforme menciona o mesmo autor “diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, *através* das diferentes disciplinas e *além* de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento.” (p. 11).

Cada profissional com as contribuições admissíveis a sua área de formação e todos se auxiliando mutuamente com o objetivo de levar os maiores benefícios possíveis para o corpo escolar em especial os alunos.

A equipe multidisciplinar deverá ser composta por profissionais com formação nas áreas mais diversas. No contexto de nossa pesquisa daremos ênfase à atuação do profissional da psicologia que muito contribuirá, com sua formação e capacidades, para o desenvolvimento humano e diversos outros aspectos, no entanto citamos alguns que por vezes não fazem parte do quadro de profissionais das escolas e que muito poderiam contribuir se lá estivessem:

Podemos verificar que o profissional da enfermagem, deveria atuar também na saúde preventiva, com trabalhos de conscientização das possibilidades e limites de nosso organismo, abordando as doenças infectocontagiosas, os métodos contraceptivos, entre outros diversos assuntos diretamente relacionados a saúde física.

Outro profissional, que poderia atuar de maneira mais presente na educação sexual é o professor de educação física. Esse profissional poderá trabalhar sua disciplina muito além de jogos de bola, com uma amplitude muito maior do ser humano. Ensinar as noções corporais, estabelecendo limites e possibilidades, o respeito ao próprio corpo e por consequência ao corpo de outro, utilizando atividade com música, podendo utilizar as músicas que fazem sucesso entre os jovens e as maneiras de expressão corporal destas, e muitas outras possibilidades.

---

<sup>10</sup> NICOLESCU, Basarab. **UM NOVO TIPO DE CONHECIMENTO - TRANSDICCIPLINARIEDADE.** (1999). Disponível em: < <http://www.vdl.ufc.br/>. Acesso em: 11 Nov 2014.

Outros profissionais que estão mais presentes e, de certa forma mais atuantes são os pedagogos, os licenciados em áreas específicas, o corpo administrativo, coordenadoras, diretoras e secretárias, com capacitações em recursos humanos e gestão e pessoas, o nutricionista com os cuidados devidos com o cardápio escolar, entre outros. Cabendo destacar ainda, que a realidade em grande parte das escolas quanto à presença do pedagogo ainda é insuficiente, pois nem sempre o coordenador pedagógico é um pedagogo.

## **1.10 CONSTRUÇÃO DA SEXUALIDADE NA FASE DA ADOLESCÊNCIA**

Como já percebemos, a sexualidade, seus conceitos, manifestações e ramificações são construções sociais que sofreram mutações no decorrer da história da humanidade. Vimos também, o quão conturbado pode ser a fase da adolescência, assim como as responsabilidades que temos que assumir para mudar uma preocupante realidade, ao ser pais, professores, ou apenas adultos responsáveis e entusiastas de um futuro diferente.

Para tanto, para seguirmos adiante e mais profundamente na temática, abordando, ainda, alguns assuntos, como virgindade, homoafetividade, masturbação, entre outros.

## **1.11 EDUCAÇÃO SEXUAL X ORIENTAÇÃO SEXUAL**

Entender quais são as diferenças conceituais entre esses dois termos, e quais são as semelhanças.

### **1.11.1 Educação Sexual**

Educação sexual abrange como um todo em um processo informal de transmissão de saberes sobre a sexualidade ao longo de nossa vida. Desde que nascemos já somos submetidos a uma educação sexual informal “que englobam um conjunto de ações direta e indireta, conscientes ou não, exercidas por diferentes

peças e instituições (família, amigos, mídia, livros, grupos religiosos, etc.).” (MEIRA, 2006, p. 4).

As ações nesse sentido acabam influenciando na tomada de decisões e nas percepções do indivíduo interferindo em seus comportamentos e condutas de valores diante das questões relacionadas à sexualidade, gênero, expressões de sexualidade e conceitos.

### 1.11.2 Orientação Sexual

Já a orientação sexual de acordo com a autora Pinto (1995, p. 1), “é um processo sistemático de intervenção contínuo”. Como a própria definição sugere não se trata de um fenômeno episódico, ou seja, ele é contínuo, com palestras ou atividade isolada, mas sim, de abrir o canal para um debate permanentemente com crianças e adolescentes acerca da questão sobre sexualidade. Como já exposto anteriormente, cada idade exige e necessita de aprendizagens peculiares acerca da sexualidade e não devemos oferecer mais do que o necessário, tão pouco sonegar informações. A orientação sexual deverá acontecer de diversas formas, especialmente diante da realidade, no contexto escolar. Nesse sentido temos:

A orientação sexual é, sem dúvida, um precioso recurso para a educação dessas vontades, pois inúmeras vezes os jovens têm possibilidades de assimilar, analisar por diferentes ângulos, projetar-se em um personagem, expor suas angústias e quem sabe, encontrar por si mesmos, “respostas” responsáveis para seus conflitos (EGYPTO, 2003, p. 85, grifo do autor).

Nesse sentido a orientação sexual que acontece através da intervenção contínua possibilita a criança e/ou adolescentes reflexões próprias sobre diversas questões como:

Que corpo tenho? O que ele significa para mim e para o outro? Que “usos” eu e/ou os outros posso fazer dele? Que situações me expõem a doenças? Como preveni-las? O que é gostar? “ficar”, namorar, “transar”? O que é prazer, como senti-lo? Quais as implicações do sexo não-seguro e do sexo seguro? O que quero para mim numa relação afetiva-sexual? (BOCK, 2003, p. 339, grifo do autor).

De acordo com a autora acima, espera-se dos jovens que eles consigam fazer uso de seus conhecimentos, se tornando responsável nas suas tomadas de decisões, com determinação e segurança compreendendo-se como sujeito único,

singular, histórico e social no aspecto da construção do processo cognitivo e afetivo sobre suas novas percepções subjetivas. Desse modo, para que os jovens possam fazer uso dos conhecimentos é necessário que estes se percebam como sujeito sexual com capacidade de negociar e se proteger. Paiva (2000, p. 51), colabora dizendo que:

*Sujeito sexual* definido como a dimensão do sujeito que regula a vida sexual, em oposição a ser objeto dos desejos *scripts* sexuais de outros. Pode-se permanecer sujeitável e não sujeito se permanecermos atores inconsciente dos papéis e *scripts sexuais femininos e masculinos* que a cultura sexual prescreve [...]. (Grifo do autor).

Ser sujeito sexual pressupõe ter a capacidade de tomada de decisão referente sua vida sexual, como apresenta Paiva (1996, p. 216):

- Desenvolver uma relação negociada com as normas e cultura, familiar e de grupo pares;
- Explorar (ou não) a sexualidade independentemente da iniciativa do parceiro;
- Conseguir dizer não e ter esse direito respeitado;
- Negociar práticas sexuais que sejam prazerosas para si, desde que aceitas pelo parceiro e consensuais;
- Ter acesso aos meios materiais e serviços para efetuar escolhas reprodutivas contraceptivas e de sexo seguro.

## 1.12 GÊNEROS

É comum que os conceitos, no senso comum, de gênero sexo sejam confundidos, muitos acreditam que toda pessoa que nasça com o sexo feminino seja mulher, assim como do sexo masculino, homem, mas vejamos as diferenças de acordo com as contribuições de (STREY, 1998, p. 182), “Sexo não é gênero, pois ser uma fêmea não significa ser uma mulher e ser um macho não significa ser um homem. Isso caracteriza sua formação fisiológica referente à procriação”.

Segundo o Ministério da Saúde (2000, p. 15), “o conceito de gênero diz respeito ao conjunto das representações sociais e culturais construídas a partir da diferença biológica entre os sexos”. Enquanto sexo diz respeito ao atributo

anatômico, no conceito de gênero toma-se o desenvolvimento das noções de masculino e feminino como construção social. (p. 321).

Segundo Parker e Barbosa (1996, p. 191),

As categorias de gêneros específicas de cada contexto seriam representativas da atualização necessária à sua concretização; o gênero seria o eixo organizador das relações sociais, de modo assimétrico, e a classificação masculina e feminina serviria para ordenar diversos domínios sociais.

Sendo assim, a conceituação de Gênero serve para determinar o que é construído socialmente. Dessa maneira, nenhum indivíduo existe sem relações sociais, isso desde que se nasce, assim quando nos referimos ao sexo estamos nos referindo ao gênero associado ao sexo daquele indivíduo.

### 1.13 DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS

Relacionado aos aspectos da sexualidade humana, destacamos ainda os direitos sexuais e reprodutivos como imprescindíveis na vida humana. Nesse sentido destacamos as contribuições de Busin (2013), com a publicação da Cartilha “*Direitos Humanos para Ativistas por Direito Sexuais e Direitos Reprodutivos*”.

A sexualidade é construída por meio da interação entre o indivíduo e as estruturas sociais, e seu pleno desenvolvimento é essencial para o bem estar individual, interpessoal e social. Visando um desenvolvimento saudável, com isso é eficaz que os direitos humanos sejam reconhecidos, respeitados, defendidos e promovidos por toda a sociedade. (BUSIN, 2013, p. 20).

Sendo a saúde considerada um direito fundamental e uma vez entendido que a saúde sexual não poderá ser percebida de maneira diferente, essa também deve ser considerada um dos direitos básicos do ser humano. Dentre esses direitos sexuais destacamos:

- Liberdade sexual: é a possibilidade de expressar uma sexualidade específica e individual, sendo vedada a manifestação por meio de coerção, exploração ou abuso de qualquer espécie.
- Autonomia sexual: cada indivíduo deve possuir a capacidade de decisão sobre a própria vida sexual, em contexto de ética pessoal, social e formas de prazer.

- Privacidade sexual: direito de desfrutar de privacidade, sem interferência arbitrária ou legal. Inclui a opção de revelar ou não a própria orientação sexual ou identidade de gênero, decisões, escolhas relativas ao próprio corpo e a relações sexuais consensuais.
- Igualdade sexual: devem ser combatidas todas as formas de discriminação pela sexualidade, seja por sexo, gênero, orientação sexual, idade, raça, classe social, religião, deficiência mentais e físicas.
- Prazer sexual: prazer sexual, incluindo o autoerotismo é uma fonte de bem estar físico, psicológico, intelectual e espiritual.
- Expressão sexual: a expressão sexual é mais que o prazer erótico ou o ato sexual. É o direito de cada indivíduo exprimir a sexualidade por meio da comunicação, toques, expressão emocional e afeto.
- Livre de associação sexual: significa assegurar a possibilidade de casamento e também do divórcio, inclusive outros modelos de associações sexuais consensuais.
- Escolhas reprodutivas livres e responsáveis – É o direito de decidir ter ou não filhos, o número e o tempo entre cada um. É também direito ao acesso os métodos de regulação da fertilidade.
- Informação baseada no conhecimento científico: informação sobre a sexualidade deve ser gerada por meio de processos científicos e éticos e disseminada de forma apropriada e adequada a todos os níveis sociais.
- Direito à educação sexual compreensiva: processo que envolve pais, escola, serviços públicos, entre outros que deve estar presente durante a vida do indivíduo, a partir do seu nascimento. A educação sexual compreensiva deve ser estimulada por políticas públicas.
- Direitos à saúde sexual: O serviço público de saúde deve contar com serviço disponível para prevenção e tratamento de doenças relacionadas a sexualidade.

Os direitos reprodutivos por sua vez, abrangem certos direitos humanos reconhecidos em lei e estão apoiados no direito básico de poder decidir com liberdade e responsabilidade sobre a reprodução de ter acesso à informação e de ter garantido elevado padrão de saúde. Conforme Busin (2013, p. 22) “a violação

desses direitos provoca, entre outros, altos índices de mortalidade materna, homofobia, perseguições e práticas discriminatórias inaceitáveis”.

Corrêa (1994) *apud* Parker *et. al* (1996), defende a ideia de que os direitos reprodutivos em qualquer que seja a definição lutarão pela integridade e autonomia das mulheres como sujeitos da construção de princípios democráticos.

O conceito de direitos reprodutivos nasce justamente da ação das mulheres como sujeitos políticos e do conhecimento, refletindo sobre as condições que a sociedade tem dado para o exercício da vida sexual e reprodutiva. Rompe com a perspectiva do determinismo biológico, inserindo a liberdade de escolha reprodutiva dentro de um contexto mais amplo do exercício de cidadania que não se resume às garantias legais e de benefícios frente ao poder do Estado, mas incorpora também a ideia de participação nas decisões públicas, trazendo com isto novos significados para a vida cotidiana. (PARKER, 1996, p. 164).

Ainda contribuindo para a importância da garantia dos direitos sexuais e reprodutivos o Ministério da Saúde<sup>11</sup> (2005), diz que ampliará esforços dirigido à sensibilização dos gestores de saúde para a organização de ações e serviços de atenção à saúde sexual e à saúde reprodutiva de adolescentes e jovens, que respeitem os princípios de confidencialidade e de privacidade e que contemplem as especificidades da adolescência, garantindo o acolhimento, o acesso a ações educativas, métodos contraceptivos e para prevenção das DST/HIV/Aids.

A luta pelos direitos sexuais e reprodutivos tendem a trazer contribuições para a transformação social nas maneiras de agir em relação as mulheres, com vistas a diminuição das desigualdades e demais construções sociais que de alguma maneira às inferioriza em relação aos homens.

## 1.14 ADOLESCÊNCIA

“O termo *adolescência* vem do latim *adolescere*, que quer dizer crescer para ficar adulto”. Segundo Newcomber, (1999), tem início com o aparecimento da puberdade e finaliza com o amadurecimento adulto.

Para o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), conforme o artigo 2º “considera-se criança para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade

---

<sup>11</sup> Ministério da Saúde. **Direitos sexuais e direitos reprodutivos**. Brasília: 2005. Disponível em: <[http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cartilha\\_direitos\\_sexuais\\_reprodutivos.pdf](http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cartilha_direitos_sexuais_reprodutivos.pdf)> Acesso dia 14 Nov. 2014.

incompletos e adolescentes aquela entre doze e dezoito anos de idade” (ECA, 2010, p. 7).

Papalia (2006, p. 440), aponta em suas contribuições que “a adolescência dura aproximadamente 10 anos, dos 11 ou 12 anos até pouco antes ou depois dos 20 anos. Seu ponto de início ou término não é claramente definido” e em geral pode-se anunciar o início da adolescência, com a puberdade definida como a capacidade de reprodução.

Segundo Cantil (1987), a adolescência caracteriza-se por ser uma fase complexa da vida humana, um período de transição entre a infância e a idade adulta, na qual muitos jovens sentem-se perdidos por não se identificarem mais como crianças e tão pouco como adultas. Essa fase fornece novas oportunidades para reatar relacionamentos de dependência no passado, inclusive os resíduos de fantasias inconscientes, através de um relacionamento mais maduro com seus pais.

Nesse período é necessário uma orientação no processo de desenvolvimento sexual dos adolescentes, para que assim, possam se sentir confiantes em relação a sua vida sexual, tornando-se maduros e conscientes sobre seus desejos. Cabe, no entanto, ressaltar que o processo de desenvolvimento da vida sexual inicia-se desde o seu nascimento até a sua adolescência, percorrendo como processo contínuo na vida adulta. Segundo Brasileiro (2001), a educação sexual deve ser iniciada de berço, com a alimentação disciplinada, exercícios físicos, carinho maternal e paternal, fazendo com que a criança se sinta amada desde o aleitamento materno, pois o contato físico com a mãe fortalece o vínculo afetivo e emocional, desenvolvendo sentimentos de amor, carinho e segurança.

No longo período da adolescência, hoje, devem distinguir-se três fases, mais ou menos correspondente às faixas etárias:

Puberdade, que abarca, principalmente, as mudanças biológicas e os processos biopsíquicos;

A adolescência, que se refere ao desenvolvimento da identidade do eu, à autonomia pessoal e aos aportes próprios com respeito à individualização assim como a enculturação;

A idade jovem-adulta, que aperfeiçoa as tarefas da adolescência com respeito à identidade própria, escolha profissional e afetiva e à independência econômica, além da autonomia própria. (DUNIS, 2000, p. 53).

Cada cultura tem sua maneira distinta de tratar esse processo de desenvolvimento humano e em todas elas a transição da infância para idade adulta é marcada com clareza por meio dos ritos de passagem que são realizadas por ocasião do início da maturidade sexual, isso pode variar decorrente da sua história de vida podendo durar alguns dias ou se estender anos conforme sua cultura. (PEREIRA, 2005).

Por acontecer nessa fase do desenvolvimento grandes mudanças físicas, hormonais e psicológicas, existe um despertar para o sexo, fato extremamente natural e inerente dos seres humanos, por isso, nesse momento consideramos de suma importância haver um diálogo esclarecedor e sem restrições por parte de seus cuidadores e educadores sobre os mitos sexuais, com o intuito de diminuir os riscos e as informações errôneas recebidas sobre sexualidade e sexo.

Com o despertar da sexualidade, a busca pela satisfação do prazer se torna constante, isso muitas vezes, independe de quais formas irão buscar para conseguir se satisfazer, por isso a necessidade de uma orientação sexual sadia, tanto pela escola, quanto pelos pais torna-se urgente. Os jovens possuem pouco conhecimento sobre a sexualidade em virtude de estar num processo de construção da sua própria personalidade, o qual na maioria das vezes não consegue fazer uma conciliação entre os conhecimentos que têm e seus próprios sentimentos. (PEREIRA, 2005).

Nesse mesmo sentido, Martinez (1998), contribui dizendo que em virtude dessas mudanças, a sexualidade durante o período da adolescência tem caráter exploratório e de investigação, pois é a forma que o adolescente utiliza para reconhecer seu próprio corpo, descobrir suas novas potencialidades e, mais que isso, para aprender a lidar com essa nova realidade que lhe é colocada.

Conforme Campos (2009), o corpo e os traços físicos do adolescente apresentam importante relação com a imagem que ele tem de si e com a ideia que faz de como é, aos olhos dos outros, nessa fase os adolescentes começam a se perceber com adulto, então se cria uma análise maior e um despertar de sua autoestima, vendo-se como um adulto.

Ainda neste sentido, Werebe (1998), menciona que o desenvolvimento da sexualidade na adolescência constitui-se de fatores que criam as condições básicas para o desenvolvimento, a maturação dos órgãos reprodutores, que constitui uma condição biológica fundamental para a prática de atividades sexuais. As mudanças físicas e fisiológicas na puberdade criam novas capacidades físicas, despertam

novos interesses e desejos e provocam, ao mesmo tempo, uma instabilidade, pois o indivíduo deve se acomodar a um corpo em transformação, com isso faz-se um despertar para a maturidade de sua identidade.

O adolescente passa por diversas fases no seu desenvolvimento sexual, segundo os autores que abordam essa temática, esse é um período que requer um trabalho de orientação bem passiva e delicada por parte de seus educadores e pais, pois é importante deixar o adolescente expor suas dúvidas, falar a causa de suas angústias e medos.

Em uma fase de tantas transformações, é muito importante, também que no convívio familiar se tenha diálogo, que haja uma troca de afeto onde os pais numa postura flexível tentam minimizar os conflitos vividos, sendo mais compreensivos para com seu filho.

A adolescência é tanto um modo quanto um segmento do desenvolvimento físico e psicológico de um indivíduo. Ela representa um período de crescimento e mudanças em quase todos os aspectos da vida física, mental, social e emocional da criança. É uma época de novas experiências, novas responsabilidades e novos relacionamentos com adultos e companheiros. (GALLATIN, 1978, p.14. *apud*, HORROCKS, 1955, p. 218)

Ainda com as contribuições de Gallatin (1979, p. 15), citando Friedenberg, “percebemos a ideia de que durante a adolescência o jovem adquire a habilidade de adotar uma perspectiva sobre a sua própria existência de vida, o que é bastante estranho à criança”. E complementa citando Erickson “adolescência é muito mais elaborada do que a que Friedenberg cita, quando fala da aquisição de um sentido de identidade pessoal durante o intervalo que marca o fim da infância e precede o atingimento da idade adulta”.

## 1.15 SEXO E SEXUALIDADE

A sexualidade<sup>12</sup> é um aspecto central do ser humano durante sua vida e compreende o sexo, identidades e papéis de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. A sexualidade é vivenciada e expressa em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos,

---

<sup>12</sup> BRIDGE , Susie Jolly, PINAR, Ilkkaracan, **Sexualidade**. Ed. 18, 2007. Disponível em:< [http://www.bridge.ids.ac.uk/docs/InBrief18\\_Sexualidade.pdf](http://www.bridge.ids.ac.uk/docs/InBrief18_Sexualidade.pdf)>. Acesso em: 03 Nov 2014.

práticas, papéis e relações. Embora a sexualidade possa incluir todas essas dimensões, nem todas elas são sempre vivenciadas ou expressadas.

A Organização Mundial de Saúde aborda a sexualidade como parte inerente das necessidades humanas e que não poderá ser percebida de maneira dissociada dos demais aspectos da vida e motivará a procura do amor, do contato e da intimidade. Nunes e Silva (2006), dizem a esse respeito que a sexualidade e suas manifestações são partes essenciais da dimensão humana e será expressa pelos indivíduos em seus comportamentos e atitudes, que estarão sempre carregados de sua história de vida, cultura, valores, crenças e serão influenciados, também, pelo meio social e familiar. A esse respeito, temos as seguintes contribuições:

O que fazemos sexualmente é fruto de nosso desenvolvimento pessoal, necessariamente psicossocial, e que a atividade sexual diz respeito também a uma cultura, a história, ao contexto socioeconômico. A trajetória pessoal, a infância, a família e os percursos existenciais marcam com certeza a forma que a experiência sexual tomara para cada um, assim como a relação entre o afeto e a sexualidade. (PAIVA, 2000, p. 22).

Percebe-se que a sexualidade é um aspecto muito amplo e, portanto diferente as conceituações de sexo, como poderemos ver.

Biologicamente falando, sexo se refere a uma condição orgânica que diferencia o macho da fêmea de cada espécie, no caso dos seres humanos o homem da mulher é definido pelos gametas que este produz. O sexo masculino produz gametas masculinos conhecidos como espermatozoides e o sexo feminino por sua vez, produzem gametas femininos chamados de óvulos.<sup>13</sup>

Assim, sexo trata-se, então, da condição biológica e orgânica que diferencia o macho e fêmea de cada espécie, e que este não tem relação nem é influenciado por questões culturais. É uma determinação biológica que se diferencia, portanto de sexualidade que é uma manifestação comportamental.

A sexualidade possui um conceito vasto e cada pessoa tem sua maneira singular de expressá-la, podendo ser denotada pela nossa forma de manifestar ser homem ou ser mulher no mundo e como se relacionar consigo mesmo, com seu próprio corpo, na sua crença, na sua história de vida, nas suas emoções, nos seus pensamentos e nas suas intuições. A forma de como se relaciona com mundo dentro dos padrões sociais, cultural, político, econômico, tecnológico e histórico em

---

<sup>13</sup> Conceito de Sexo. Disponível em: <<http://queconceito.com.br/sexo>>. Acesso em 29 de Out de 2014.

que vive. Sexualidade é a forma de se ver como homem e como mulher, isso vai muito mais além do ato sexual em si.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde, a sexualidade é uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado dos outros aspectos da vida, não é um sinônimo de coito e não se limita à presença ou não de orgasmo. Sexualidade é muito mais que isso, é a energia que motiva a encontrar o amor, o contato e a intimidade. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e saúde mental e se a saúde é um direito fundamental, a saúde sexual também deve ser considerada um direito humano básico. (BRASIL, 2006, p. 53). Nunes e Silva complementam:

[...] sexualidade uma essencial dimensão humana, é de grande importância que ela seja compreendida em seus sentidos mais amplos como tema e área de conhecimento e, na abordagem educacional, em termos mais específicos, para que se tenha o alcance das múltiplas interações desta dimensão com as outras dimensões da realidade humana. (2006, p. 72-73).

Percebemos, então, que existem diversas concepções acerca da sexualidade humana, das suas influências e do quanto estas influências podem modificar os entendimentos e comportamentos. Afirmando essas ideias, fazemos uso das contribuições de Papalia (2010).

A consciência da sexualidade é um aspecto importante da formação da identidade que afeta profundamente a autoimagem e os relacionamentos. Embora este processo seja impulsionado biologicamente, sua expressão é, em parte, definida culturalmente. (p. 442-443).

Outra preocupação acerca da sexualidade surge no sentido da evolução histórica que é percebida de uma antecipação durante maturidade sexual, ou ao menos aparente maturidade sexual e física, uma vez que percebemos que “os adolescentes estão se tornando sexualmente ativos cada vez mais cedo, comparados aos anteriores. Mas o que mais preocupa não é o momento, mas a forma como isso tem ocorrido” (PEREIRA, 2005, p. 119). Percebemos, dessa maneira, que o processo de maturação da sexualidade é natural e necessário, porém a forma como vem se apresentando, em especial, diante das facilidades de obter informações pela mídia, devemos nos preocupar e assumir as responsabilidades que nos cabem, conforme segue:

Embora cada sociedade estabeleça diferentes rituais e costumes para que o indivíduo inicie sua vida sexual, a crescente expansão dos meios de comunicação fez com que, desde o início da década de 1920 passando

pelos anos da década 1970 até os dias atuais, ocorressem mudanças nas atitudes e nos comportamentos sexuais. (PEREIRA, 2005, p.115).

Nesse sentido, percebemos que uma das mudanças é o sexo antes do matrimônio e a gravidez sem relacionamentos estáveis, isso porque os adolescentes hoje são sexualmente mais ativos se comparados com as gerações passadas e aceitam a atividade sexual com muito mais naturalidade e algumas vezes com descaso. Segundo as estatísticas, os adolescentes começam a sua vida sexual, em média, por volta dos 15 anos de idade. De acordo com Pereira (2005), os padrões de comportamento sexual são normas impostas socialmente e culturalmente e foram obtidas no decorrer da história de vida de cada indivíduo, fato este que somente vem a reforçar a importância de uma educação sexual de qualidade e com a clareza necessária.

#### 1.15.1 Puberdade Feminina e Masculina

A puberdade masculina, segundo Brasileiro (2001), inicia-se por volta dos 12 aos 14 anos, portanto a sua ejaculação pode ocorrer por volta dos 10 aos 12 anos nos primeiros anos da puberdade. Já no início da puberdade apresenta os primeiros sinais como: “aumento dos testículos e do pênis e desenvolvimento da capacidade de ejacular que são as características sexuais primarias do homem. Ocorre o aumento de peso e de altura.” (BRASILEIRO, 2001, p. 22). Na maioria dos meninos o crescimento dos pelos pubianos ocorre antes da primeira ejaculação.

Na menina a puberdade segundo Brasileiro (2001), ocorre entre 11 aos 13 anos, na sua primeira menstruação, sendo que na maioria das meninas a menstruação pode ocorrer ente 12 aos 14 anos, como também em alguns casos, entre 10 a 17 anos. No início da puberdade já pode ser denotada mudanças no comportamento, como variação brusca de humor, necessidade de se auto afirmar, excesso de sensibilidade, busca de valores diferentes dos pais, necessidade de encontrar alguém que proteja, acaricie e compreenda.

As meninas durante a puberdade aumentam de estatura e de peso; desenvolvem características sexuais primarias (ovulação dos ovários, resistência vaginal) e secundária (crescem pelos nas regiões anal, pubianas e axilares e ocorrem a formação e desenvolvimento dos seios) (BRASILEIRO, 2001, p. 22).

Nessa fase, também ocorre o aparecimento de acnes (espinhas) em virtude do aumento dos hormônios, às glândulas sebáceas da pele. (BRASILEIRO, 2001).

A puberdade precoce pode ocorrer nas meninas que ovulam com 8 anos e os meninos que produzem espermatozoides com 10 anos, fato que altera o nível adulto de hormônios sexuais. Na puberdade precoce, os indivíduos podem apresentar característica secundárias de seus sexos como: mamas, pelos pubianos, barba e mudança na voz. (BRASILEIRO, 2001).

#### 1.15.2 Masturbação Feminina e Masculina

A masturbação é o ato de estimulação dos órgãos genitais, feita manualmente ou com objetos, com objetivo de obtenção de prazer, seguida ou não de orgasmo.

A masturbação feminina ainda é alvo de muitas críticas e preconceitos e por isso poucas mulheres sentem-se a vontade para falar do assunto, embora a masturbação seja uma forma natural e adequada para desenvolver-se sexualmente. A mulher terá maior facilidade para atingir o orgasmo se tiver aprendido a se masturbar e com esse ato muitas descobrem novas formas de relaxar e de se excitar.

Muitas pessoas negam a existência da possibilidade de masturbação e, assim, tornam-se também responsáveis pela manutenção de mitos e preconceitos sobre o tema. É necessário que os pais e/ou responsável abordam o assunto com os filhos, de maneira natural e necessária para o desenvolvimento humano.

Dessa maneira, enquanto para as mulheres a masturbação muitas vezes é vista como algo constrangedor, para os homens é vista como normal e rotineira. Os garotos, ao contrário de muitas meninas, começam a praticar a masturbação por relatos de experiências vividas por colegas, troca de informações e também pela maior facilidade ao acesso a materiais eróticos ou pornográficos.

Os meninos geralmente começam a se masturbar entre 12 e 14 anos e já começam a conhecer as sensações de prazer mesmo antes de começarem a produzir o sêmen. Na adolescência, a masturbação geralmente culmina na ejaculação, acompanhada do orgasmo. É importante, ainda, considerar que nessa fase da vida, torna-se natural que a masturbação seja mais frequente que em outras fases, porque além do fascínio pelo prazer os jovens estão conhecendo e se

acostumando com o próprio corpo. Portanto, é muito natural, também que tanto homens como mulheres continuem se masturbando durante toda a vida, mesmo que com menor frequência.

### 1.15.3 Ciclo Menstrual

De acordo com Brasileiro (2012), a menstruação é a perda fisiológica de sangue, originária do útero, com duração média de 3 a 5 dias e com intervalo de quatro semanas. Durante a menstruação não é recomendada a prática do ato sexual, pois aumentam as chances de se contrair doenças sexualmente transmissíveis, isso tanto para o homem quanto para a mulher. No período menstrual, a mulher pode ter suas atividades cotidianas normais, exceto em casos de desconfortos e cólicas advindas do ciclo menstrual. O anticoncepcional é um medicamento que contém hormônios e que inibe uma gravidez indesejada, também é usado no controle menstrual, em alguns casos aliviando as cólicas oriundas do período menstrual, devido à contração do útero nesse período. As pílulas anticoncepcionais não são recomendadas para mulheres entre a idade de 15 e 20 anos, porque os hormônios que elas contêm podem prejudicar o organismo que se encontra em fase de desenvolvimento físico. Os cuidados para com a higienização nesse período devem ser intensificados.

Continuando com o autor Brasileiro, (2002, p. 27), ele afirma que: “É possível que haja ciclo menstrual sem ovulação e ovulação sem ciclo menstrual,” pois quando a mulher está grávida não ocorre a ovulação, caracterizando assim a gravidez, mas também pode ocorrer de a mulher não estar ovulando e não estar grávida, podendo ser alguma deficiência em suas glândulas hormonais.

### 1.15.4. Aborto

O aborto tem se apresentado como um grave problema de saúde pública que exige soluções rápidas, isso porque anualmente muitas mulheres ou meninas morrem por complicações desta prática. Não cabe neste momento questionar se é moral e socialmente correta a atitude de abortar um feto, mas buscar entender o que é o aborto e quando este pode ser praticado de acordo com a legislação brasileira.

A expressão “aborto” caracteriza pela morte do embrião ou feto, podendo este ser espontâneo ou provocado.

O aborto espontâneo acontece quando a gravidez é interrompida sem que seja pela vontade da gestante. Pode acontecer por vários motivos: fatores biológicos, psicológicos e sociais.

O aborto provocado é um procedimento utilizado para interromper uma gravidez de maneira planejada. É permitido legalmente quando ocorre má formação do feto, quando a gravidez é resultado de um crime como o estupro ou quando a gestação coloca em risco a saúde física e/ou psíquica da mulher.

Já o aborto provocado é a interrupção da gestação que acontece por motivos diferentes dos que estão previstos em lei, geralmente é feito em locais não reconhecidos e inadequados podendo colocar a gestante também em risco.

#### 1.15.5 Gravidez Precoce

Quando a adolescência e a gravidez acontecem juntas, podem ser acarretadas inúmeras e sérias consequências para os adolescentes e os familiares envolvidos, isso porque os jovens geralmente não estão preparados, financeiramente e emocionalmente para as responsabilidades envolvidas em receber uma criança. De acordo com as contribuições de Lay (2014), diante do medo iminente, muitos adolescentes saem de casa, cometem abortos, abandonam os estudos em uma tentativa de fugir da própria realidade.

As mudanças comportamentais observadas, a liberdade idealizada pelos jovens, os relacionamentos rápidos e eventuais, a falta do uso de métodos contraceptivos, fazem ser cada vez mais frequente a atividade sexual infantil e juvenil e por consequência maiores riscos de gravidez precoce. E essa realidade pode estar diretamente relacionada a fatores diversos como: a estrutura familiar, a formação psicológica a baixa autoestima e por isso, diante dessa realidade o apoio da família é muito importante e deve ser baseado no diálogo, na segurança, no afeto e no apoio.

Para muitos jovens que passam por essa situação, não há perspectivas para o futuro, não existem planos de vida. É preciso que todos auxiliem na mudança dessas concepções, tanto apoiando os jovens na realidade da gravidez precoce, como educando e orientando para evita-la.

Para mudarmos um pouco dessa realidade que se apresenta, a sociedade deverá assumir com maior responsabilidade seu papel de cuidadora, seja colaborando efetivamente na educação e/ou orientação sexual destes jovens, seja acolhendo com carinho, respeito e afeto os casos de gravidez precoce.

#### 1.15.6 Métodos Contraceptivos

Conforme contribuições do texto publicado por Loredó (2014), os métodos contraceptivos são geralmente utilizados por pessoas que têm vida sexual ativa e de alguma maneira querem evitar uma gravidez. No entanto, alguns métodos, além de prevenir uma possível gravidez, protegem de doenças sexualmente transmissíveis. São vários os métodos contraceptivos, entre eles a camisinha masculina, camisinha feminina, o dispositivo intrauterino (DIU), os métodos de contracepções hormonais, injetáveis e orais, implantáveis e adesivos, espermicida, abstinência periódica, cirurgias entre outros. Diante de tantas possibilidades, é de extrema importância auxiliar os jovens na tomada de consciência sobre as responsabilidades envolvidas na escolha do melhor método a ser utilizado. E para isso é necessário o auxílio de um médico, pois ele levará em consideração a idade da pessoa, a frequência com que mantém relações sexuais, necessidades reprodutivas, a saúde entre outros fatores.

Existem ainda grandes diferenças entre todos eles, há os métodos reversíveis, também chamados de temporários que quando deixam de ser utilizados permitem a gravidez e os irreversíveis ou definitivos como a vasectomia e a laqueadura. De maneira geral os contraceptivos são classificados em cinco grupos: métodos comportamentais (tabelinha, coito interrompido), métodos de barreira (camisinha, diafragma, espermicidas), dispositivos intrauterinos, contraceptivos injetáveis, entre outros.

Cabe ainda ressaltar que alguns destes contraceptivos são disponibilizados pelo Sistema Único de Saúde, tais como camisinha feminina e masculina, pílulas anticoncepcionais, laqueadura e vasectomia para pessoas maiores de 25 anos que tenham ao menos dois filhos.

#### 1.15.7 Virgindade

A pessoa virgem é alguém do sexo feminino ou masculino que não teve relação sexual. Homens e mulheres tendem a reagir de maneira diferente à perda da virgindade.

A perda da virgindade altera o comportamento do (a) jovem, dependendo da razão que o (a) levou a praticar o ato sexual, da natureza da educação sexual recebida, das circunstâncias em que se realizou o ato e das reações afetivas e psicoemocionais associadas à natureza da relação sexual e à perda da virgindade (BRASILEIRO, 2002, p. 29).

Para a mulher, prolongar a perda da virgindade não é um fator que costuma gerar sofrimentos, no entanto, para o homem de acordo com sua cultura esse comportamento tende a gerar sofrimento, diante disso sente a necessidade da perda da virgindade antes do casamento, fatos esses que obviamente são construções sociais, ou seja, mais uma vez temos claras as influências da sociedade e da cultura sobre nossas manifestações de sexualidade.

#### 1.15.8 Doenças sexualmente Transmissíveis (DSTs)

Doenças Sexualmente Transmissíveis, cuja sigla é (DSTs), são doenças transmitidas principalmente, por meio da relação sexual sem o uso de métodos de barreiras e/ou prevenção com uma pessoa infectada.

O contágio por DSTs pode ocorrer de mãe para filho no período de gestação ou parto, também através de compartilhamento de seringas ou ainda em razão da transfusão de sangue infectado.

As DSTs mais conhecidas são:

- Aids – Síndrome da Imunodeficiência Humana;
- HPV – Vírus do papiloma humano;
- Gonorreia;
- Hepatite B;
- Herpes Genital;
- Herpes Oral;
- Sífilis;

## 1.16 MITOS E TABUS

O tema sexualidade envolve muitas dúvidas, medos e também muitos mitos relacionados. Abordaremos alguns mitos para ilustrar os pensamentos de muitos de nossos jovens.

É importante salientar, antes de tudo, que os pais geralmente têm um duplo parecer sobre a virgindade, como nos diz Souza (2002), para os filhos do sexo masculino, existe certa pressa na prática sexual, até pelo medo de que os meninos se tornem homossexuais. Já para as filhas, existe outro conceito, as meninas devem resguardar a virgindade, evitando assim comentários dos parentes, vizinhos e escola. O que dá uma visão moralista da sexualidade, como uma prova da boa educação dada pelos pais.

No entanto, podemos perceber que essa realidade vem mudando gradativamente, até mesmo pela inserção da educação e/ou orientação sexual no contexto escolar, porém os mitos e medos ainda são muito presentes, como por exemplo: a primeira relação sexual é extremamente dolorosa; na primeira relação sexual é comum que haja hemorragia; a mulher que não tem sangramento na primeira relação confessa que não é mais virgem, a moça pode permitir tudo, exceto a penetração ou o defloramento.

Existem também os mitos sobre a masturbação, entre eles que se masturbar faz crescer pelos nas mãos, que pessoas casadas não se masturbam; que masturbação vicia que é sinal de homossexualidade ou doença mental; que a pessoa é incapaz de manter relações sexuais e por isso recorre a masturbação. E o que já vimos na teoria já abordada, é ao contrário de tudo isso, afirmando, desse modo, que a masturbação é um ato natural e saudável, além de importante para que as pessoas conheçam melhor seu corpo e descubram suas potencialidades.

Ainda existem construções sociais sobre as manifestações comportamentais relacionadas à sexualidade, muitos acreditam que meninos que apresentam comportamentos diferentes, em questão de masculinidade, da maioria dos outros rapazes são homoafetivos e o mesmo com as meninas que não são tão femininas como as demais, necessariamente sintam atração por outras meninas. Outro fato muito comum é que homens que usam roupas cor de rosas estão manifestando expressões de homoafetividade.

Na adolescência, muitos sentem a necessidade de afirmação da sexualidade, o que por vezes pode prejudicar a prática da relação sexual, e conseqüentemente, gerar dúvidas e anseios, como dificuldades de ereção, ejaculação precoce, o não uso de preservativos por entenderem que esse atrapalha na penetração entre outros inúmeros prejuízos.

## CAPÍTULO II

### 2. METODOLOGIA

#### 2.1 CONCEITO E CARÁTER DE PESQUISA

Com embasamentos teóricos de autores que abordam a temática da produção científica, a construção desta pesquisa deu-se, a partir dos anseios acerca dos conhecimentos sobre sexo e sexualidade, de um grupo de alunos centrado numa escola estadual do município de Juína. Busca-se ainda, portanto, entender quais são as principais fontes de informação que esses alunos dispõem e como essas informações chegam até eles e quais são as qualidades dessas informações.

Dessa maneira, fazendo uso das contribuições de Cervo (2006, p. 64), quando nos diz que “a pesquisa é uma atividade voltada para a solução de problemas teóricos ou práticos com o emprego de processos científicos”, lançamos mão do uso de questionário estruturado e entrevista com os alunos e professores, que em muito colabora para o entendimento da realidade que envolve essa temática, em especial na falta de conhecimento e dificuldades para falar do assunto, que poderão ser percebidas no capítulo de análise dos resultados obtidos. Ainda com as contribuições de Cervo (2006), a pesquisa não é a única forma de obter tais conhecimentos e a consulta bibliográfica é extremamente recomendável. Para tanto, fizemos uso de publicações e pesquisas relacionadas, em especial as que destacam o papel do Educador e do Psicólogo na abordagem deste assunto.

Assim, além dos instrumentos, questionário e entrevista, para a construção deste trabalho, utilizamos o método de revisão bibliográfica, buscando conhecer e analisar contribuições já publicadas sobre este assunto. A junção destes meios de pesquisa culmina em um trabalho acadêmico de abordagem qualitativa, uma vez que essa abordagem preocupa-se em interpretar e analisar aspectos profundos, assim como descrever a complexidade do comportamento humano. Segundo Marconi e Lakatos (2006, p. 269) “Fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento etc”.

Para Denzin e Lincoln (2006, p. 16) “[...] as abordagens que podem ser classificadas como pesquisa qualitativa, tais como o estudo de caso, a política e a

ética, a investigação participativa, a entrevista, a observação participante, os métodos visuais e a análise interpretativa”.

### 2.1.2 Estratégia e limitação da Pesquisa

A pesquisa se realizou com o uso de questionários e entrevistas individuais, aplicados aos adolescentes matriculados no terceiro ciclo do Ensino Fundamental em uma Escola Estadual no município de Juína-MT. Os participantes da pesquisa foram selecionados pela direção da escola e dentre estes realizados um sorteio finalizando com 12 (doze) participantes. Também participaram, da referida pesquisa, um grupo de 5 (cinco) professores que lecionam nessas turmas. A técnica aplicada se dá através de questionário e entrevista individual no intuito de obtenção e levantamento de informações sobre os conhecimentos da amostra da pesquisa.

A análise qualitativa as respostas, tem como objetivo apreciar o grau de conhecimento que os adolescentes têm sobre sexo e sexualidade e como estes percebem o papel da família, da escola e dos meios de comunicação, para o esclarecimento de suas dúvidas. Em complemento fundamental, buscamos entender como os educadores trabalham o tema com seus alunos, e ainda o que estes pensam a respeito do Psicólogo inserido na equipe escolar.

A etapa inicial da pesquisa se deu com o contato com a Unidade Escolar para a aprovação e participação da escola na pesquisa, disponibilizando tempo para o desenvolvimento da pesquisa dentro da instituição e também a escolha dos alunos e professores. O contato foi realizado por meio de visita a escola, uma vez informados os responsáveis pela instituição sobre os objetivos do estudo a ser realizado e verificado o conteúdo do questionário e entrevista a ser aplicado, deu-se a aprovação e realização da pesquisa. Nessa etapa, os pesquisados, primeiramente, foram informados sobre os objetivos do estudo e de seu caráter confidencial e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para a participação na pesquisa.

### 2.1.3 Aspectos Éticos

Considerando que toda pesquisa deve atender a aspectos éticos, que a tornam confiável e de validade científica, fazemos uso das contribuições de Bittar

(2007, p. 141), quando nos diz que “nenhuma pesquisa pode e deve desenvolver-se rompendo ou desrespeitando completamente o sistema ético que envolve o universo do pesquisador”. Defende ainda que embora exista a liberdade criativa do pesquisador, também existem deveres rígidos, fixados em leis e normas técnicas e éticas que devem ser cumpridos.

As ideias de Bittar (2007), direcionam-se ao comprometimento ético induz ao juízo de que aquilo que se cria deve servir à sociedade, reforçando o princípio de que a produção científica seja capaz de produzir reflexos sociais. Assim, mantendo os pressupostos éticos, garantimos o sigilo e a liberdade da participação na referida pesquisa, tal como a possibilidade de desistir se assim o participante julgasse necessário e no momento que o entendesse viável.

## **2.2 MÉTODOS**

A premissa deste estudo se dá a partir da reflexão sobre a forma que a educação e/ou orientação sexual é abordada, como objetivo de uma possível conscientização em relação à qualidade de vida desses adolescentes, assim, em direção a luta contra o abuso sexual, a imaturidade de conhecimento de sua própria sexualidade, a gravidez precoce, doenças sexualmente transmissíveis, dentre outros fatores, percebesse que, torna-se imprescindível a união entre pais, alunos e professores numa corrente mútua de transmissão.

Após a pesquisa bibliográfica partiu-se, então, a pesquisa de campo, para a qual foram definidos os objetivos e os meios de coleta de dados, da amostra e como os dados seriam analisados (MARCONI; LAKATOS, 1996). Neste estudo as técnicas para coleta de dados foram questionário e entrevista.

Utilizando-se dos meios e métodos de pesquisa, culmina esta, quanto a análise dos dados encontrados, em pesquisa de Abordagem Qualitativa para que assim seja possível analisar as respostas aos questionários aplicados, assim como os dados coletados nas entrevistas. O método qualitativo de acordo com as contribuições de Marconi e Lakatos (2006), preocupa-se em analisar os aspectos mais profundos, descrevendo, conforme os dados obtidos, a complexidade do comportamento humano, pois essa interpretação fornece uma análise mais

detalhada sobre atitudes, hábitos e comportamentos. Denzin e Lincoln (2006), contribuem acerca da pesquisa qualitativa nos dizendo que “a pesquisa qualitativa é, em si mesma, um campo de investigação. Ela atravessa disciplinas, campos e temas”. Reforçando com os mesmo autores, “[...] a pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de prática materiais e interpretativas que são visibilidade ao mundo”. (2006, p. 17).

### **2.3 OBJETO/UNIVERSO/AMOSTRA**

Toda pesquisa é feita com base em determinado elemento ou grupo estudado, ao todo participaram da pesquisa 12 (doze) adolescentes entre meninos e meninas, com idade de 12 a 14 anos, sendo respeitada a decisão de participar ou não. Também participaram da pesquisa 5 (cinco) professores da mesma escola e que leciona na mesma turma desses alunos. Primeiramente responderam ao questionário e depois a realizada a entrevista. As entrevistas foram elaboradas tendo como base as respostas dos questionários. Para os alunos e professores as entrevistas ocorreram de forma individuais sendo três alunos entrevistados e quatro professores.

Todos os participantes dessa pesquisa assinaram o Termo Consentimento Livre e Esclarecido, sendo sua participação de caráter voluntário.

### **2.4 DESCRIÇÕES DOS INSTRUMENTOS DA PESQUISA**

Os instrumentos utilizados nessa pesquisa foram questionários e entrevistas. O instrumento questionário para alunos obteve uma estrutura de 16 (dezesesseis) questões abertas e fechadas e uma de múltiplas escolhas. Já a entrevista obteve uma sequência de perguntas. Os questionário e entrevista, foram direcionados com o objetivo de colher informações sobre o conhecimento dos alunos acerca da sexo e sexualidade.

O instrumento questionário para os professores foram elaborados com 5 (cinco) questões abertas e na entrevista também 5 (cinco) perguntas, com o intuito

de colher informações de como está sendo desenvolvido os trabalhos sobre a temática na escola em pesquisada.

## **2.5 COLETA DE DADOS**

Inicialmente os alunos responderam ao questionário que se constitui de um conjunto de perguntas abertas e fechadas na presença do pesquisador, porém sem a interferência deste e posteriormente foram selecionados alguns alunos para realização da entrevista. A pesquisa optou pelo uso do questionário na primeira fase, uma vez que este tem o objetivo de identificar como os adolescentes obtiveram sua educação e/ou orientação sobre sexo e sexualidade, assim como o grau de conhecimentos sobre esta temática, e quais fontes eles utilizam para suprir suas necessidades e curiosidades sobre o tema. A interpretação dos resultados dos questionários se deu por método qualitativo. As entrevistas realizadas tiveram por objetivo analisar com maior profundidade as resposta do questionário trazendo alguns aspectos com mais clareza.

Complementado pela contribuição de Barros (1990), em relação ao uso de questionário, temos:

O questionário apresenta, como todo instrumento de pesquisa, suas vantagens e limitações. A vantagem maior diz respeito à possibilidade de se abranger um grande número de pessoas. É um instrumento útil para certas pesquisas em que se procuram informações de pessoas que estão geograficamente muito dispersas (p.74).

Na segunda fase da pesquisa, foram realizadas entrevistas que de acordo com Mattar (1996), é caracterizada pela a existência de um entrevistador que fará perguntas ao entrevistado anotando as suas respostas. As entrevistas foram realizadas com alguns alunos e todos os professores de forma individual. Para isso, previamente, foi elaborado um roteiro de entrevista resultado da análise das respostas de cada sujeito ao questionário com o objetivo de esclarecer, aprofundar alguns aspectos nas respostas dos questionários.

### **2.5.1 Período de Coleta de Dados**

A coleta de dados para a construção desta pesquisa deu-se no período de agosto a novembro de 2014. Sendo compreendida nesse período inicialmente a

aplicação do questionário piloto com três alunos, no qual esses não participam da pesquisa. Segundo Barros (1990), o questionário piloto serve para um pré-teste com a finalidade de “compreensão das questões; verificação de dúvidas e das dificuldades no preenchimento; necessidade de introdução ou suspensão de perguntas” (p. 76). Após as adequações das perguntas e o questionário em sua versão final foi aplicada para os alunos e professores vinculados a amostra da pesquisa. Neste sentido, para coleta de dados foi aplicado o questionário em sua versão atualizada e posteriormente as entrevistas, para ambos alunos e professores.

## CAPÍTULO III

### 3. ANÁLISE DE DADOS

Nesse capítulo serão apresentadas as análises dos questionários e entrevistas desenvolvidos no decorrer da presente pesquisa. Primeiramente foram analisadas as respostas dos questionários e entrevistas aplicadas com os alunos, posteriormente os questionários e entrevistas com os professores e em conjunto com esse, analisaremos as respostas ao questionamento acerca da presença do profissional de psicologia no contexto escolar.

Os resultados encontrados na pesquisa permitem o esclarecimento de como esses adolescentes tendem a buscar, como recebem e entendem as informações transmitidas pela família, escola e meios de comunicação, relacionadas a sexo e a sexualidade. Uma vez colhidos os dados, vislumbrando também, entender como está sendo realizada a educação e/ou orientação sexual na escola. Para uma maior e melhor compreensão sobre a temática deste trabalho, percebeu-se a importância da participação dos profissionais educadores, nesse sentido contribuindo ainda para a análise das opiniões sobre a presença/ausência do Profissional de Psicologia atuante no ambiente escolar, com a perspectiva da orientação sexual.

É importante esclarecer, ainda, que o uso de questionário e posteriormente entrevista com alguns alunos deu-se pela observação de que estes alunos mostravam-se tímidos durante as respostas ao questionário. Ficou evidente o desconforto na aplicação do questionário, uma vez que o número de participantes é consideravelmente pequeno, fato que se apresenta de maneira inversa em palestras e debates, com grande número de participantes, onde os jovens tendem a sentir-se mais a vontade, assim a entrevista individual foi percebida pelos participantes com mais tranquilidade após a aplicação do questionário.

Para tanto, tivemos como participantes 10 alunos do ensino fundamental (meninos e meninas) com idade compreendida entre 12 e 14 anos. A amostra inicial seria de 12 alunos, no entanto 2 desistiram da participação sem alegar os motivos, todos os alunos da amostra responderam o questionário com perguntas voltadas a prática da educação e/ou orientação sexual e alguns desses, participaram da entrevista.

Com os professores a amostra inicial era de 05 (cinco) participantes, porém um professor recusou-se participar da pesquisa, por motivos não expressos, ficando assim 4 (quatro) professores participantes. Para reforçar a qualidade e complementarmos os objetivos da pesquisa, os professores responderam ao questionário e a entrevistas.

### 3.1 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS APLICADOS COM OS ALUNOS

Tabela 1 – Questionário aplicado com os alunos

	Idade:	Sexo:	Série:
Aluno A:	13	Masculino	7 <sup>a</sup>
Aluno B:	13	Masculino	7 <sup>a</sup>
Aluno C:	14	Feminino	8 <sup>a</sup>
Aluno D:	14	Feminino	7 <sup>a</sup>
Aluno E:	14	Feminino	8 <sup>a</sup>
Aluno F:	13	Feminino	7 <sup>a</sup>
Aluno G:	14	Feminino	8 <sup>a</sup>
Aluno H:	14	Masculino	8 <sup>a</sup>
Aluno I:	12	Masculino	6 <sup>a</sup>
Aluno J:	12	Masculino	6 <sup>a</sup>

Fonte: PRATES, Nelma dos Santos (2014)

A tabela 1, apresenta dados dos alunos participantes que possuem idade compreendida entre 12 e 14 anos e estão matriculados no terceiro ciclo do Ensino Fundamental que corresponde às séries compreendidas entre o 6<sup>o</sup> e 8<sup>o</sup> anos, matriculados em escola estadual do município de Juína.

Tabela 2 – Questionário aplicado com os alunos

<p>Pergunta 2: <b>Em relação a sexo e sexualidade você já recebeu alguma educação/orientação?</b>  <input type="checkbox"/> <b>sim. Quais?</b>  <input type="checkbox"/> <b>não. O que pensa sobre isso</b></p>
<p>Aluno A:  <input checked="" type="checkbox"/> Sim. Quais? Em palestra, na escola e também em casa de quais doenças poderiam acontecer sem o uso da camisinha.</p>
<p>Aluno B:  <input checked="" type="checkbox"/> Não. O que pensa sobre isso? Deveria ser tratado como uma coisa normal do dia a dia.</p>
<p>Aluno C:  <input checked="" type="checkbox"/> Sim. Quais? Esperar um pouco, que um dia você vai saber, quando chegar a sua vez.</p>
<p>Aluno D:  <input checked="" type="checkbox"/> Sim. Quais? Meus pais me explicaram o que era e fala para eu não fazer nada nesta idade, porque tem tempo para tudo.</p>
<p>Aluno E:  <input checked="" type="checkbox"/> Sim. Quais? Prevenção de doenças sexualmente transmissíveis.</p>
<p>Aluno F:  <input checked="" type="checkbox"/> Sim. Quais?  Prevenção de doenças sexualmente transmissíveis.</p>
<p>Aluno G:  <input checked="" type="checkbox"/> Sim. Quais?  Sempre usar camisinhas.</p>
<p>Aluno H:  <input checked="" type="checkbox"/> Sim. Quais?  Se prevenir contra doenças, e saber quem é a pessoa e você estão preparados.</p>
<p>Aluno I:  <input checked="" type="checkbox"/> Sim. Quais?  Fazer na hora certa, não abusar das pessoas, não ficar fazendo atos sexuais com pessoa em publico.</p>
<p>Aluno J:  <input checked="" type="checkbox"/> Não. O que pensa sobre isso?  É uma coisa muito intima delicado que eu não gosta de comentar.</p>

Fonte: PRATES, Nelma dos Santos (2014)

Papalia (2010), aponta que a sexualidade é um aspecto importante da formação da identidade que afeta profundamente a autoimagem e os relacionamentos humanos, por isso, faz-se muito importante que os conhecimentos acerca da sexualidade sejam levados aos jovens. Quando questionados sobre essas informações, as respostas obtidas mostram que a maioria dos participantes disseram ter recebido orientações quanto ao uso de preservativo, objetivando a prevenção da gravidez ou a contaminação por doenças sexualmente transmissíveis.

A minoria dos entrevistados disse nunca ter recebido essa orientação. O que retrata uma realidade em que a sexualidade não vem sendo abordada com a profundidade, segundo as respostas dos alunos.

Tabela 3 – Questionário aplicado com os alunos

<b>Pergunta 3: Em sua opinião de quem deve ser a responsabilidade pela sua educação e/ou orientação sexual?</b>
Aluno A: (X) Pais e/ou responsável Porque foram eles que “colocaram nós” no mundo
Aluno B: (X) Pais e/ou responsável Porque é obrigação do pai falar sobre o assunto
Aluno C: (X) Pais e/ou responsável Porque, eles tem que conversar com os filhos.
Aluno D: (X) Pais e/ou responsável Meus pais porque acho que é bem melhor eles explicarem do que uma pessoa de fora.
Aluno E: (X) Pai e/ou responsável Meus pais por ter mais convívio comigo, e ter me mostrado a maneira deles de viver com outras pessoas.
Aluno F: (X) Pais e/ou responsável Pelos pais porque foi ele que me colocou no mundo.
Aluno G: (X) Pais e/ou responsável Pelos pais porque é obrigação dos pais falar sobre essas coisas.
Aluno H: (X) Pais e/ou responsável Pelos pais porque são eles que devem falar com o filho nesse assunto.
Aluno I: (X) Pais e/ou responsável Porque se eles tiveram já ato sexual eles podem nos ensinar ou fazer na hora certa.
Aluno J: (X) Pais e/ou responsável Porque eu acho que “é eles” a primeira pessoa que deve fazer.

Fonte: PRATES, Nelma dos Santos (2014)

De acordo com a literatura que embasa esse trabalho, não se pode atribuir a este ou a aquele a responsabilidade e a obrigação sobre orientação e/ou educação sexual, esse deve ser um trabalho conjunto entre família, escola e sociedade, cada qual respeitando suas possibilidades e limites. As respostas a este questionamento giraram em um mesmo sentido, atribuindo, por unanimidade, segundo a visão dos participantes, a responsabilidade pela educação e/ou orientação aos pais e/ou responsáveis.

Tabela 4 – Questionário aplicado com os alunos

<b>Pergunta 4: Onde você busca esclarecimento e respostas para suas dúvidas quanto a sexualidade?</b>
Aluno A: (x) Mídia – Televisão, rádio, jornais e revista, <i>Internet</i> . Porque é de fácil acesso.
Aluno B: (x) Pais e/ou responsável Porque sempre pergunte para eles quando tenho dúvida.
Aluno C: (X) Pais e/ou responsável Tenho vergonha de conversar com outras pessoas sobre isso.
Aluno D: (X) outros Não procura saber muito sobre isso.
Aluno E: (X) Mídia – Televisão, rádio, jornais e revista, <i>Internet</i> . Para ter um esclarecimento mais obvio com mais facilidade, até mesmo por sentir vergonha as vezes. Mais com os pais também.
Aluno F: Mídia – Televisão, rádio, jornais e revista, <i>Internet</i> . Para ter certeza se estou certo ou não.
Aluno G: (X) Pais e/ou responsável Porque os pais são pessoas indicadas para isso.
Aluno H: (X) Pais e/ou responsável Porque eles são da minha família, por isso peço ajuda para eles, mas é um assunto que tenho vergonha de falar.
Aluno I: (X) Pais e/ou responsável Pois se a gente ter duvida agente pode perguntar a eles.
Aluno J: Mídia – Televisão, rádio, jornais e revista, <i>Internet</i> . Porque se pergunta para meus pais eles não vão me responder, porque não tenho idade para isso.

Fonte: PRATES, Nelma dos Santos (2014)

Existem divergências nas respostas dadas a pergunta 3 (três) e pergunta 4 (quatro). Enquanto na pergunta 3 (três) os alunos respondem por unanimidade que os pais são responsáveis pela educação e/ou orientação sexual, na pergunta 4 (quatro) a metade dos alunos dizem buscar esclarecimentos na mídia e as causas disso são variadas. Exemplos da questão anterior são as seguintes respostas: *“Porque se pergunta para meus pais eles não vão me responder, porque não tenho idade para isso”*. *“Porque eles são da minha família, por isso peço ajuda para eles, mas é um assunto que tenho vergonha de falar”*. Essas respostas mostram o que dizia Pereira (2005), sobre a mídia ganhar espaço nas relações humana e exercer uma forte influência nos comportamentos sexuais dos jovens, o que pode acontecer, inclusive, de forma negativa.

Tabela 5 – Questionário aplicado com os alunos

<b>Pergunta 5: Quais os cuidados em relação à saúde, segurança pessoal e motivação você considera importante para iniciar uma vida sexual? Argumente.</b>
Aluno A: usar camisinha e saber com quem você namora.
Aluno B: usar camisinha
Aluno C: se cuidar e usar camisinha.
Aluno D: cuidados são usar camisinha para não pegar nenhuma doença, não ficar com que você não conhece você tem que se sentir preparada, sem forçar nada.
Aluno E: prevenção com camisinha, a idade que também é importante e o meu tempo, se achar que chegou a hora.
Aluno F: usar camisinha, conhecer realmente a pessoa e se realmente é o que quer.
Aluno G: Eu tenho que estar preparada para isso e nunca em dúvida. Usar camisinha e saber se o parceiro não possui doença ou outra coisa transmissível.
Aluno H: vê se a pessoa esta preparada vê se é a hora certa e se prevenir.
Aluno I: usar camisinha, ter uma pitada de sal e sempre fazer na hora certa.
Aluno J: usar camisinha e fazer na hora certa.

Fonte: PRATES, Nelma dos Santos (2014)

Segundo os PCNs (1998) o trabalho de orientação sexual objetiva, também, desvincular a sexualidade dos tabus e preconceitos, além de discutir as doenças sexualmente transmissíveis e as maneiras de prevenção. Quando questionados sobre os cuidados com a saúde sexual, a maioria dos alunos entrevistados aponta como principais cuidados para o início da atividade sexual o uso de preservativo e a importância de conhecer a pessoa com quem está se relacionando. Aspectos esses considerados importantes para a prevenção.

Tabela 6 – Questionário aplicado com os alunos

Pergunta 6: <b>Você conversa sobre sexualidade com seus pai e/ou responsável?</b>
Aluno A: (X) Sim. Explique. Em algumas vezes eu pergunto mais nem sempre.
Aluno B: (X) Não. Por quê? Não gosto de falar muito sobre esse assunto com meus pais.
Aluno C: (X) Sim. Explique. Falo mais nem sempre, tenho vergonha.
Aluno D: (X) Sim. Explique. Sim, minha mãe sempre fala pra eu não cair em bobeira, que tem hora pra tudo.
Aluno E: (X) Sim. Explique. Mais segurança de falar sobre isso, sabendo que mesmo do jeito deles, sempre terão uma resposta para me dar.
Aluno F: (X) Sim. Explique. Pelo fato dos pais estarem querendo sempre mostrar a realidade de hoje em dia.
Aluno G: (X) Sim. Explique. Porque com os pais tenho mais liberdade com outras pessoas tenho vergonha.
Aluno H: Não. Por quê? Porque não falamos muito sobre esse assunto.
Aluno I: Não. Por quê? Tenho vergonha.
Aluno J: Não. Porque? Porque não gosto de falar sobre esse assunto.

Fonte: PRATES, Nelma dos Santos (2014)

Segundo Papalia (2010), da mesma forma que os adolescentes sentem-se tensos ao falar do assunto sexualidade com seus pais, os pais frequentemente têm sentimentos confusos relacionados com a sexualidade, o que se deve em parte a influência dos fatores históricos e sociais que envolvem esse assunto.

Assim, embora a maioria dos alunos tenha respondido que conversam com os pais sobre o assunto, eles argumentam que isso não ocorre com muita frequência, pois sentem vergonha de falar sobre o tema. Exemplo: *“Falo mais nem sempre, tenho vergonha”*.

Tabela 7 – Questionário aplicado com os alunos

<b>Pergunta 7: O que você acha sobre educação e/ou orientação sexual recebida na escola? Argumente.</b>
Aluno A: Uma coisa muito boa para quem não tem intimidade com os pais.
Aluno B: Muito pouca deveria ter mais orientações na escola.
Aluno C: Boa, para nós aprender sobre relação sexual.
Aluno D: Há! Sempre é bom conhecer um pouco mais.
Aluno E: Boa, porque esclarece muitas duvidas quanto a isso, tinha que ser mais vezes.
Aluno F: É legal, eles te ensina o que você não sabia antes.
Aluno G: Muito pouca as palestras.
Aluno H: É boa, esclarece algumas duvidas.
Aluno I: A escola esta mostrando para gente como é como faz e etc.
Aluno J: Acho boa, porque tenho a oportunidade de saber mais.

Fonte: PRATES, Nelma dos Santos (2014)

Os PCNs (1998), sugerem que a escola tenha uma visão integrada das experiências vividas pelos alunos, reconhecendo que desempenham um papel importante na educação sexual, diretamente ligada a saúde e ao bem estar humano, para assim, desenvolver o prazer pelo conhecimento, incluindo seus desejos. Segundo a visão dos alunos sobre o trabalho que a escola realiza, a maioria dos participantes diz que a educação e orientação sexual é boa, porque consideram que aprendem mais sobre o assunto, porém alguns alegam que deveria ser trabalhada com mais frequência. Assim, para os alunos, a educação e orientação sexual na escola são bons meios de esclarecer as dúvidas. Um aluno manifesta que é “*uma coisa muito boa para quem não tem intimidade com os pais.*”

Tabela 8 – Questionário aplicado com os alunos

<b>Pergunta 8: Existem barreiras para falar sobre sexo e sexualidade na adolescência?</b>
Aluno A: (X) Sim. Quais? Vergonha.
Aluno B: (X) Sim. Quais? Porque não é normal falar sobre sexualidade.
Aluno C: (X) Sim. Quais? vergonha.
Aluno D: (X) Não. Por quê? Em minha opinião não tem, basta só falar sobre isso com quem confia.
Aluno E: (X) Não. Por quê? Sempre tem alguém para conversar amigos, família, professores, para ajudar caso for preciso.
Aluno F: (X) Não. Por quê? Porque só não entende isso quem for besta mesmo.
Aluno G: (X) Sim. Quais? Vergonha.
Aluno H: (X) Sim. Quais? Vergonha e medo.
Aluno I: (X) Não. Por quê? Porque é normal todos falarem.
Aluno J: (X) Sim. Quais? Vergonha.

Fonte: PRATES, Nelma dos Santos (2014)

Aproximadamente metade dos alunos consideram que existem barreiras para falar sobre sexo e sexualidade, sendo a principal barreira, a vergonha. A outra metade considera que não existem barreiras expressando diversas justificativas para isso. Exemplos: *“Sempre tem alguém para conversar amigos, família, professores, para ajudar caso for preciso”*. *“Porque só não entende isso quem for besta mesmo”*.

As respostas demonstram o que foi elucidado no capítulo bibliográfico, quando dizem que os jovens de alguma maneira irão buscar informações sobre suas dúvidas, seja com os pais, escola, amigos e mídia, o que reforça a importância da abordagem clara e verdadeira sobre a sexualidade.

Tabela 9 – Questionário aplicado com os alunos

<b>Pergunta 9: Onde e com quem você procura tirar suas dúvidas sobre sexualidade? ( ) pais e/ou responsável ( ) Escola – professores, coordenadores, direção, entre outros. ( ) Mídia – televisão, coordenadores, direção, entre outros. Argumente.</b>
Aluno A: (X) Pais e/ou responsável (X) Mídia – televisão, rádio, jornais e revistas, <i>internet</i> . Com os pais falo pouco, na mídia é mais fácil.
Aluno B: (X) Pais e/ou responsável Porque foi ele que me colocou no mundo.
Aluno C: (X) Pais e/ou responsável Porque “eles vai” saber explicar melhor.
Aluno D: (X) Pais e/ou responsável Acho melhor falar com pessoas que você tem maior confiança.
Aluno E: (X) Pais e/ou responsável e (X) Escola- professores, coordenadores, direção, entre outros. Tenho mais intimidade, um pouco e vergonha mais sempre esclarece o básico.
Aluno F: (X) Pais e/ou responsável Porque é com eles que eu convivo e acho melhor coisa conversar com eles
Aluno G: (X) Pais e/ou responsável e (X) Escola- professores, coordenadores, direção, entre outros. É bom conversar para não fazer coisa errada e pegar doença.
Aluno H: (X) Pais e/ou responsável Porque eles que tiram minhas dúvidas, apesar “deles ter” vergonha para falar.
Aluno I: (X) Pais e/ou responsável A gente procura os pais porque eles já fizeram sexo.
Aluno J: (X) Mídia – televisão, rádio, jornais e revistas, <i>internet</i> . Na internet porque é mais fácil.

Fonte: PRATES, Nelma dos Santos (2014)

A maioria dos alunos diz buscar informações com os pais, mesmo alegando que esses tenham vergonha de falar sobre sexo e/ou sexualidade. Em razão de encontrarem algumas dificuldades acabam buscando maiores esclarecimentos na mídia, o que reforça as divergências apresentadas nas respostas às perguntas 3 (três) e 4 (quatro).

Tabela 10 – Questionário aplicado com os alunos

<p><b>Pergunta 10: Como você acredita que deveriam ser trabalhadas as informações sobre sexualidade: Pelos pais e/ou responsável. Pela Escola. E Pelos meios de comunicação.</b></p> <p><b>Resposta dos alunos:</b></p>
<p>Aluno A: Pelos pais e/ou responsável: com uma conversa explicando, orientando e tirando as duvidas. Pela escola: com reforço do que os pais já ensinaram. Pelos meios de comunicação: tirar as duvidas que ainda existem.</p>
<p>Aluno B: Pelos pais e/ou responsável: com mais dialogo sobre o assunto. Pela escola: palestras e na sala de aula. Pelos meios de comunicação: esse já é fácil.</p>
<p>Aluno C: Pelos pais e/ou Responsável: que fosse um assunto aberto e que os pais não tivessem vergonha de falar. Pela escola: que também fosse um assunto aberto para falar. Pelos meios de comunicação: que explicasse o que é verdade e não verdade.</p>
<p>Aluno D: Pelos pais e/ou responsável: eles deveriam explicar como é pra se cuidar, tomar cuidado etc. Pela escola: Mais palestras. Pelos meios de comunicação: não sei.</p>
<p>Aluno E: Pelos pais e/ou responsável: com mais frequência, sem criticas e tal, apenas explicações básicas que eles sabem. Pela escola: acho que os professores deveriam ter mais explicações sobre doenças sexualmente transmissíveis, pesquisar para entender um pouco mais. Pelos meios de comunicação: Já é bastante o que eu vejo.</p>
<p>Aluno F: Pelos pais e/ou responsável: Eles tem que ir direto ao ponto e não ficar com mentirinhas. Pela escola: que explicassem a realidade da vida. Pelos meios de comunicação: ser bem mais esclarecido.</p>
<p>Aluno G: Pelos pais e/ou responsável: com dialogo aberto que eu entendo melhor. Pela escola: explicando na sala de aula, com palestras. Pelos meios de comunicação: não sei.</p>
<p>Aluno H: Pelos pais e/ou responsável: com mais dialogo sobre o assunto. Pela escola: a escola tem que ajudar mais os alunos nesse assunto, com mais palestras e os professores na sala de aula. Pelos meios de comunicação: sem expor medos as pessoas.</p>
<p>Aluno I: Pelos pais e/ou Responsável: os pais poderiam falar mais sobre o assunto, porque eles são pessoas fácil da gente procurar, falar sem ter vergonha. Pela escola: palestras. Pelos meios de comunicação: já está bom.</p>
<p>Aluno J: Pelos pais e/ou responsável: com diálogo mais aberto. Pela escola: mais conteúdo sobre sexualidade, mais explicações. Pelos meios de comunicação: sem ser tão nojento.</p>

Fonte: PRATES, Nelma dos Santos (2014)

Além do que já foi elucidado sobre o papel dos pais e da mídia no trato do assunto sexualidade, a escola deve trabalhar a educação e/ou orientação sexual de forma sistemática, articulando assuntos diversos como, promoção da saúde das crianças, adolescentes e jovens. Segundo os PCNs (1998), quando este trabalho acontece de forma esporádica os resultados obtidos são modestos. Nesta visão, faz-se positivo o trabalho diversificado abrangendo atividades como: palestras,

dinâmicas, jogos, teatros entre outras inúmeras possibilidades que favoreçam o despertar do senso de responsabilidade dos jovens. Nesta perspectiva os participantes da pesquisa apontam diferenças nas maneiras como acreditam que os pais, a escola e a mídia deveriam abordar os temas sexo e sexualidade. Para estes os pais deveriam falar mais abertamente e com clareza sobre sexo, exemplo de um aluno “*sem mentiras ou enganações*”. A escola, segundo os participantes, poderia abordar o tema com mais frequência, em palestras e também em sala de aula. E quanto a mídia, encontramos diversidades de respostas, desde ser menos nojento até mais esclarecedor, tendendo a abordar o tema com mais qualidade.

Tabela 11 – Questionário aplicado com os alunos

Pergunta 11: <b>Quais doenças sexualmente transmissíveis que você tem conhecimento? Cite as que você conhece?</b>
Respostas.
Aluno A: HIV, Ebola, Gonorreia.
Aluno B: Aids.
Aluno C: HPV e Aids.
Aluno D: Aids, gonorreia, umas verrugas nojentas que dá na vagina.
Aluno E: Hepatite B e C, HIV e Gonorreia.
Aluno F: Aids e Gonorreia.
Aluno G: Aids e gonorreia.
Aluno H: hepatite e Aids.
Aluno I: Aids, hepatite e outros.
Aluno J: Aids.

Fonte: PRATES, Nelma dos Santos (2014)

Quanto aos trabalhos desenvolvidos sobre as doenças sexualmente transmissíveis, foi possível perceber que os alunos detêm conhecimentos mais amplos sobre a Aids, gonorreia e hepatite, doenças estas apontadas com mais frequência pelos alunos. A questão não retrata a qualidade do conhecimento dos alunos, mas sim as doenças que eles mais conhecem.

Tabela 12 – Questionário aplicado com os alunos

<b>Pergunta 12. Você possui algum conhecimento sobre sexo seguro: ( ) Sim. Quais? ( ) Não. Argumente.</b>
Aluno A: (X) Sim. Quais? Usar camisinha.
Aluno B: (X) Sim. Quais? Usar camisinha.
Aluno C: (X) Sim. Quais? Uso da camisinha.
Aluno D: (X) sim. Quais? Usar camisinha na relação sexual.
Aluno E: (X) Sim. Quais? Estado de saúde do parceiro e usar camisinha.
Aluno F: (X) Sim. Quais? Fazer exames, usar camisinha.
Aluno G: (X) Sim. Quais? Usar camisinha, tomar remédio ou injeção para não engravidar.
Aluno H: (X) Não. Argumente. Não sei dizer.
Aluno I: (X) Sim. Quais? Usar camisinha.
Aluno J: (X) Sim. Quais? Usar camisinha e fazer com paciência.

Fonte: PRATES, Nelma dos Santos (2014)

Para os questionamentos sobre os conhecimentos acerca de sexo seguro, os alunos dizem ser bem informados em especial sobre o uso de preservativo, apenas um dos participantes manifesta não ter conhecimentos, “não saber”.

Tabela 13 – Questionário aplicado com os alunos

<b>Pergunta 13. Você já recebeu alguma informação sobre doenças sexualmente transmissíveis? ( ) Sim. Quais, onde e com quem? ( ) Não. Porque?</b>
Aluno A: Sim. Na escola. HIV, Ebola.
Aluno B: Não.
Aluno C: Sim prevenir. Na escola com uma mulher
Aluno D: Sim, na escola. Com os professores e palestrantes, uma vez por ano.
Aluno E: Sim. HIV e hepatite. Na escola com monitores da saúde.
Aluno F: Não. Porque nunca perguntei.
Aluno G: Sim. Aids, em casa com a minha mãe.
Aluno H: Sim. Professor e na escola.
Aluno I: Sim. Aids, HIV e hepatite. Na escola.
Aluno J: Sim Aids. Em casa com meus pais.

Fonte: PRATES, Nelma dos Santos (2014)

Quanto a prevenção das doenças sexualmente transmissíveis, abordada com muita ênfase pelas literaturas que tratam do assunto, a maioria dos alunos diz receber informações sobre essas doenças e alegam que isso geralmente ocorre em casa e na escola. A doença sexualmente transmissível mais conhecida pelos alunos é a aids.

Tabela 14 – Questionário aplicado com os alunos

<b>Pergunta 14. Quais seus conhecimentos sobre aborto (provocado) e o que pensa sobre isso?</b>
Aluno A: Não sei o certo mais acredito que é ilegal.
Aluno B: não quero falar sobre isso.
Aluno C: já ouvi falar sobre isso, mas não sei falar.
Aluno D: Totalmente contra! Pra que tirar uma vida? Quem faz isso merece morrer.
Aluno E: aqueles que são tomados remédio ou ervas para abortar. Eu penso que não deveria ser feito isso, se não quer, tem que se prevenir.
Aluno F: eu penso se as pessoas não quer filho tem que se prevenir, isso é uma irresponsabilidade e falta de amor a vida.
Aluno G: O aborto provocado é uma coisa indigente, tipo as pessoas não se cuida e engravida e depois não quer se responsabilizar com as consequências dos seus atos.
Aluno H: isso é um crime um assassinato.
Aluno I: se a pessoa quis fazer sexo e engravidar ela não pode abortar.
Aluno J: ainda não sei sobre isso.

Fonte: PRATES, Nelma dos Santos (2014)

Os PCNs sugerem que o tema aborto seja trabalhado com discussões progressivas sobre o que é, como acontece, como e porque é feito, quais sentimentos podem estar envolvidos, discutir também o direito da mulher sobre seu corpo entre outros aspectos relacionados. Quando questionados sobre os conhecimentos e opiniões, foram apresentadas repostas diversas, que podem estar influenciadas pela historia de vida, cultura, religião e valores.

Tabela 15 – Questionário aplicado com os alunos

<p><b>Pergunta 15: Segue uma lista de valores de alguma forma associados à vivência da sexualidade humana. Desta lista selecione os 3 VALORES que você considera mais importantes, diante da sua experiência pessoal. “nesta questão serão apresentados apenas os três valores como respostas dos jovens”</b></p>
<p>Aluno A: (X) respeito – tratar o Outro com cortesia, justiça, consideração e apreço. (X) Proteção à saúde – adoção de comportamentos seguros e saudáveis. (X) Adoção de medidas específica para prevenir a gravidez.</p>
<p>Aluno B: (X) respeito – tratar o Outro com cortesia, justiça, consideração e apreço. (X) Proteção à saúde – adoção de comportamentos seguros e saudáveis. (X) Adoção de medidas específica para prevenir a gravidez.</p>
<p>Aluno C: (X) respeito – tratar o Outro com cortesia, justiça, consideração e apreço. (X) amor – sentimento que nos atrai para o objeto de nossos desejos; afeição; paixão. (X) Proteção à saúde – adoção de comportamentos seguros e saudáveis.</p>
<p>Aluno D: (X) respeito – tratar o Outro com cortesia, justiça, consideração e apreço. (X) Liberdade – agir livremente sem repressão e segundo sua vontade, mas respeitando o outro. (X) Proteção à saúde – adoção de comportamentos seguros e saudáveis.</p>
<p>Aluno E: (X) Fidelidade – relação caracteriza por uma união exclusiva entre elementos do casal. (X) Liberdade – agir livremente sem repressão e segundo sua vontade, mas respeitando o outro. (X) Proteção à saúde – adoção de comportamentos seguros e saudáveis.</p>
<p>Aluno F: (X) Amor – sentimento que nos atrai para o objeto de nossos desejos; afeição; paixão. (X) Proteção à saúde – adoção de comportamentos seguros e saudáveis. (X) Prevenção a gravidez – adoção de medidas específicas para prevenir a gravidez.</p>
<p>Aluno G: (X) Prazer – estado afetivo agradável, satisfação, contentamento, alegria, gosto, bem estar. (X) Fidelidade – relação caracteriza por uma união exclusiva entre elementos do casal. (X) autoestima – possui sentimentos positivos sobre si como, por exemplo: confiança e apreço.</p>
<p>Aluno H: (X) respeito – tratar o Outro com cortesia, justiça, consideração e apreço. (X) Liberdade – agir livremente sem repressão e segundo sua vontade, mas respeitando o outro. (X) Amor – sentimento que nos atrai para o objeto de nossos desejos; afeição; paixão.</p>
<p>Aluno I: (X) prazer - estado afetivo agradável, satisfação, contentamento, alegria, gosto, bem estar. (X) Fidelidade – relação caracteriza por uma união exclusiva entre elementos do casal. (X) Amor – sentimento que nos atrai para o objeto de nossos desejos; afeição; paixão.</p>
<p>Aluno J: (X) Fidelidade – relação caracteriza por uma união exclusiva entre elementos do casal. (X) Proteção à saúde – adoção de comportamentos seguros e saudáveis. (X) Prevenção à gravidez – adoção de medidas específicas para prevenir a gravidez.</p>

Fonte: PRATES, Nelma dos Santos (2014)

Segundo Martinez (2010), abordando o trabalho do psicólogo escolar, este, destaca aspectos importantes que contribuirão para o desenvolvimento do auto

conhecimento e da autorreflexão dos jovens. O trabalho sobre responsabilidade para consigo mesmo e para com os outros ajudarão a desenvolver valores associados à vivência da sexualidade. Quando questionados sobre os valores mais significativos ou representativos em suas vidas os jovens participantes da pesquisa apontaram a proteção à saúde, seguida do respeito, amor e liberdade.

Tabela 16 – Questionário aplicado com os alunos

<p><b>Pergunta 16: Cada uma das seguintes afirmações pode ser respondida por (V) Verdadeiro, (F) Falso e (N) Não sei. Indique a sua posição relativamente a cada declaração utilizando as seguintes alternativas:</b></p>
<p>a) Após a puberdade as diferenças físicas e psicológicas entre homens e mulheres acentuam-se. Essa afirmativa foi respondida pela maior parte dos alunos como verdadeira.</p>
<p>b) A prática da masturbação pode ser considerada prejudicial. As considerações a esta afirmativa demonstram que a metade dos alunos considera verdadeiras e os demais estão dividido entre Falso e Não sei.</p>
<p>c) A virgindade nos jovens é um sinal de fraqueza pessoal ou incapacidade em atrair parceiros (as). Nesta afirmativa, a alternativa que concentra a maior parte das respostas é Não sei, no entanto a maior parte dos participantes fica dividido entre Verdadeiros e Falsos.</p>
<p>d) Sentir-se sexualmente atraído por pessoas do mesmo sexo é sinal de doença mental. A grande maioria aponta como falsa essa afirmativa.</p>
<p>e) A capacidade em resistir à pressão sexual, negar-se a fazer sexo sem se sentir preparado (a) é um elemento importante do nosso bem estar físico e emocional. Nesta afirmativa a maioria dos alunos considera verdadeira.</p>
<p>f) Você acredita que a assistir a determinados conteúdos apresentados pela mídia (filmes, novelas, seriados, propagandas), podem induzir crianças e adolescentes a terem experiências sexuais. A maior parte dos participantes diz ser verdadeira. Nesta questão não houve resposta apontando como falsa a afirmativa e uma menor parte dos alunos respondam não saber.</p>
<p>g) Menstruação é a perda fisiológica de sangue originaria do útero, com duração média de 3 a 5 dias. Nesta afirmativa a maioria dos alunos apontam como verdadeira.</p>
<p>h) A pessoa virgem (feminina ou masculina) é aquela que não teve relação sexual. Embora a maior parte tenha apontado como verdadeira, uma parte significativa aponta como Falsa ou Não saber.</p>
<p>i) Na primeira relação sexual da mulher pode engravidar. Nesta afirmativa há um nivelamento entre Verdadeiro e Falso e a minoria diz Não sei.</p>

Fonte: PRATES, Nelma dos Santos (2014)

Nessa questão verificou-se parte dos conhecimentos dos alunos pesquisados acerca de alguns aspectos da sexualidade. Os participantes responderam como verdadeiro, falso ou não sabe, as afirmativas acima citadas. Os resultados encontrados apontam uma carência em relação a alguns conhecimentos que poderá ser suprida com a abordagem desses aspectos de maneira transversal nas disciplinas escolares como descrito nos PCNs.

### 3.1.1 – Análise geral do questionário aplicado com os alunos

Os alunos participantes da pesquisa atribuem a reponsabilidade acerca da educação e/ou orientação sexual aos pais ou responsáveis, exemplos: *“Pelos pais, porque foi ele que me colocou no mundo”*, embora alguns tenham alegado sentir vergonha em falar sobre o tema com os pais, *“Falo mais nem sempre, tenho vergonha”*. Egypto (2003), disse a esse respeito que abordar o tema sexualidade é também função da família, mas essa, no entanto não costuma ter o domínio da questão, ideia reforçada por Papalia (2010), quando diz que a sexualidade é um aspecto importante da formação da identidade que afeta profundamente a autoimagem e os relacionamentos humanos, por isso faz-se muito importante que os conhecimentos sobre a sexualidade sejam levados aos jovens.

Alguns jovens diante das dificuldades encontradas, do pouco diálogo com os pais, sobre os assuntos ligados a sexo e sexualidade, dizem buscar ajuda e esclarecimentos na mídia, especialmente na *internet*, pela facilidade do acesso às informações, como aponta este aluno, exemplo: *“a mídia, porque é de fácil acesso”*. Embora a mídia exerça uma poderosa influência sobre o comportamento, ela possui caráter muito mais informativo do que educativo. Para esta realidade, Pereira (2005), ressalva que a mídia esta ganhando espaço nas relações humana e com isso exerce uma forte influência nos comportamentos sexuais dos jovens, o que pode acontecer, inclusive, de forma negativa.

Os PCNs (1998) sugerem que a escola tenha uma visão associada das experiências vividas pelos alunos, reconhecendo que desempenham um papel importante na educação e/ou orientação sexual diretamente ligada à saúde e ao bem estar humano, para assim desenvolver o prazer pelo conhecimento, incluindo o conhecimento de seus desejos. Sobre o trabalho que a escola realiza, a maioria dos participantes diz que a educação e/ou orientação sexual é boa, porque consideram que aprendem mais sobre o assunto, mas alguns participantes consideram que o tema deveria ser trabalhado com mais frequência. Assim, para os alunos, a educação e/ou orientação sexual na escola são bons meios de esclarecer as dúvidas. Um dos participantes diz que é *“uma coisa muito boa para quem não tem intimidade com os pais.”*

### 3.2 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS COM OS ALUNOS

Tabela 17 - Entrevista com os alunos

<b>Quando se fala em sexo e sexualidade o que você entende?</b>
Aluno A: Sexo - é a relação entre homem e mulher ou talvez não, porque tem homens que gostam de homens e mulher que gosta de mulher, é mais ou menos isso. Sexualidade – eu não sei, mas acho que deve ser a mesma coisa de sexo.
Aluno B: Sexo é a relação entre homem e mulher. Sexualidade, não sei dizer, mas acho que é a mesma coisa.
Aluno C: Sexo é a relação sexual. Sexualidade não sei nada.

Fonte: PRATES, Nelma dos Santos (2014)

Segundo a Organização Mundial de Saúde, a sexualidade é parte inerente das necessidades humanas e não poderá ser percebida de maneira dissociada dos demais aspectos da vida, motivará a procura do amor, do contato e da intimidade, enquanto sexo trata-se da condição biológica e orgânica que diferencia o macho e fêmea de cada espécie, esse não tem relação nem é influenciado por questões culturais. Na entrevista quando questionados sobre qual a diferença entre sexo e sexualidade, todos os participantes disseram que sexo é a relação entre duas pessoas. No entanto, sobre a sexualidade alegaram não saber responder e a percebem da mesma forma que sexo.

Tabela 18 – Entrevista com os alunos

<b>Como você gostaria que fosse tratado o assunto “sexualidade” por seus pais e pela escola? Quais assuntos gostaria que fosse mais falado?</b>
Aluno A: Gostaria muito que meus pais falassem mais desse assunto comigo, de uma forma mais clara sem ter vergonha, queria ter mais intimidade com meu pai. Na escola gostaria que tivessem mais palestras e que esse assunto fosse tratado dentro da sala de aula sem muita polêmica. Quando algum aluno pergunta alguma coisa sobre sexo todo mundo dentro da sala ficam “zuando” por isso nem pergunto nada. Gostariam que fosse falado mais sobre a puberdade, virgindade essas coisas. <i>“Tenho um amigo da minha idade que não entrou na puberdade e eu já estou, gostaria de saber por que isso acontecesse.”</i>
Aluno B: Gostaria que esse assunto fosse tratado de forma normal com meus pais. Gostaria que eles falassem mais sobre doenças sexualmente transmissíveis, sobre relação sexual. Dentro da escola deveria falar na sala de aula.
Aluno C: Com meus pais gostaria que fosse falado mais sabe, minha mãe é com quem mais converso mais ela fala muito pouco e tem vergonha, queria que fosse falado de forma normal. Na escola seria bom se falasse. A escola uma vez por ano faz o dia das meninas onde trabalham diversos assunto mas gostaria que fosse mais vezes e também em momento de aula seria muito bom. Os assuntos que gostaria que falasse mais seria os tipos de doenças sexualmente transmissíveis, o que acontece depois que perde a virgindade, se sai sangue, aborto, ah, essas coisas aí! Fico com vergonha até de falar. Rsr

Fonte: PRATES, Nelma dos Santos (2014)

Todos os alunos entrevistados afirmam que gostariam de falar mais, sobre sexo e sexualidade, com os pais e que esse tema fosse tratado de maneira mais natural, porque assim tanto os pais quanto os jovens sentiriam menos vergonha. Um dos entrevistados comenta que *“queria ter mais intimidade com meu pai”*. Quanto à abordagem do tema na escola, sem exceção, os entrevistados dizem que gostariam que o tema fosse tratado em sala de aula, além das palestras. Declaram ainda, que se sentem inibidos em fazer perguntas: *“Quando algum aluno pergunta alguma coisa sobre sexo todo mundo dentro da sala ficam “zuando” por isso nem pergunto nada”, “Fico com vergonha até de falar (risos)”*.

Caso o tema fosse tratado como sugerem os PCNs (1998), fazendo uso de atividades diversas como teatro, oficinas, atividades dinâmicas e lúdicas e abordadas como tema transversal, as necessidades apresentadas pelos alunos poderiam ser minimizadas.

Tabela 19 – Entrevista com os alunos

<p><b>Os pais são os maiores responsáveis pela educação e/ou orientação sexual segundo sua resposta ao questionário, mas os jovens procuraram solucionar suas dúvidas na mídia? Por que você acha que isso acontece?</b></p>
<p>Aluno A: Meus pais estão sempre muito ocupados então não tenho como falar muito com eles sobre esse assunto. Falam mais sobre doenças sexualmente transmissíveis, gostaria que eles me falassem mais sobre sexualidade. Quando nós estamos assistindo televisão e acontece alguma coisa eu pergunto para ele se é verdade, se acontece dessa forma mesmo, aí ele fala. Mas quando tenho dúvidas maiores eu procuro na mídia, por exemplo: sobre puberdade, porque as meninas menstruam. Tenho vontade de saber mais sobre esse assunto, não entendo porque é tão difícil falar sobre isso, então vou na <i>internet</i> para saber mais.</p>
<p>Aluno B: Porque com os pais eu tenho vergonha e eles não gostam de falar sobre esse assunto, então procuro saber pela <i>internet</i> é mais fácil e tem de tudo.</p>
<p>Aluno C: Não dá pra falar de tudo com os pais, algumas coisinhas eles explicam, mas na maioria eu procuro a internet, só que nem sempre dá pra saber o que é verdade e o que não é verdade. Mas é um meio de fácil e não tenho vergonha, claro se não tiver ninguém perto de mim.</p>

Fonte: PRATES, Nelma dos Santos (2014)

Os entrevistados argumentam o motivo de buscar esclarecimentos sobre suas dúvidas em relação a sexo e sexualidade na mídia, embora tenham atribuído tal responsabilidade aos pais no questionário aplicado. Na entrevista, alegam que isso acontece por sentirem vergonha e porque os pais não gostam muito de falar sobre esse assunto, como nos exemplos das respostas a seguir: *“Porque com os pais eu tenho vergonha e eles não gostam de falar sobre esse assunto, então procuro saber pela internet é mais fácil e tem de tudo”, “Não dá pra falar de tudo com os pais, algumas coisinhas eles explicam, mas na maioria eu procuro a internet, mas que nem sempre dá pra saber o que é verdade e o que não é verdade”*. Diante das respostas apresentadas podemos perceber algumas das motivações que influenciam os jovens a buscar na mídia o esclarecimento de suas dúvidas. No entanto, é importante ficar atento aos conteúdos acessados e/ou visualizados, uma vez que a mídia tem desenvolvido um relevante papel no desenvolvimento humano, moldando visões e comportamentos. A mídia veicula imagens eróticas, que estimulam precocemente crianças e adolescentes, aumentando a ansiedade e alimentando fantasias sexuais. É certo que também informa, veicula campanhas educativas, mas que essas nem sempre são dirigidas e adequadas a esse público.

Assim, não podemos confiar única e exclusivamente à mídia a tarefa de informar sobre sexualidade.

Tabela 20 – Entrevista com os alunos

<b>No questionário foi dito que a maior barreira para falar sobre sexualidade é a vergonha. O que você pensa sobre isso?</b>
Aluno A: Eu penso que não deveria existir isso, esse assunto deveria ser tratado de forma normal. Tipo assim, eu não consigo começar um assunto com meu pai, é bem difícil eu chegar e perguntar com o meu pai, só quando tem alguma oportunidade, mas mesmo assim tenho um pouco de vergonha.
Aluno B: Ahh! Penso que podia ser diferente, podia falar normal desse assunto seria bem melhor.
Aluno C: Sei lá, é um assunto tão bom de falar, pelo menos pra mim gosto de conversar com minhas amigas, damos muitas risadas, mas não sei por que tanta vergonha em falar abertamente com outras pessoas. Deveria ser tratado de forma normal isso, seria bem mais fácil para entender.

Fonte: PRATES, Nelma dos Santos (2014)

Embora Campos (2009), tenha dito que a família pode interagir de forma responsável e com sabedoria e que isso favorecerá comportamentos adequados a seu filho durante o seu desenvolvimento e trabalhará a maturidade emocional, favorecendo a capacidade de satisfazer suas próprias necessidades, impulsos e desejo, o que proporcionará ao indivíduo a possibilidade de ser um cidadão maduro e responsável em uma sociedade livre, as respostas, de todos os participantes, demonstram dificuldades em manter o diálogo familiar favorável, em razão da vergonha relatada. No entanto, os participantes não souberam atribuir uma razão clara a esta percepção. Exemplo: *“Ahh! Penso que podia ser diferente, podia falar normal desse assunto seria bem melhor”, “Deveria ser tratado de forma normal isso, seria bem mais fácil para entender”*.

### 3.2.1 – Análise geral da entrevista com os alunos

Na entrevista, quando questionados sobre qual a diferença entre sexo e sexualidade, todos os participantes disseram que sexo é a relação entre duas pessoas. Porém sobre a sexualidade alegaram não saber e a percebem da mesma forma que sexo. Exemplo: *“Sexo é a relação entre homem e mulher e sexualidade,*

*não sei dizer, mas acho que é a mesma coisa*". A sexualidade<sup>14</sup> é um aspecto central do ser humano durante sua vida e compreende o sexo, identidades e papéis de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. Embora a sexualidade possa incluir todas essas dimensões, nem todas elas são sempre vivenciadas ou expressadas. Os participantes reforçaram na entrevista, a vontade de poder falar mais abertamente com os pais sobre o assunto, porém dizem sentir vergonha.

Quanto ao trabalho da escola, os alunos demonstraram vontade de que o tema fosse trabalhado com mais frequência em sala de aula, de maneira mais esclarecedora acerca de diversos aspectos como: virgindade, puberdade, aborto e doenças sexualmente transmissíveis, assim como sugerem os PCNs quando dizem sobre o respeito à diversidade de valores e crenças, da compreensão da busca pelo prazer com um direito de todos, do reconhecimento das construções culturais sobre a sexualidade, da adoção de práticas de sexo seguro, da consciência crítica e tomada de decisões responsáveis a respeito da própria sexualidade, entre outros.

Por mais que abordar o tema seja uma missão difícil a Organização Mundial de Saúde, afirma a importância da sexualidade abordada como parte essencial das necessidades humana e que não poderá ser percebida de maneira dissociada dos demais aspectos da vida.

### 3.2.2 Análise conjunta das respostas ao questionário e entrevistas dos alunos

Analisando os instrumentos de pesquisa utilizados, questionários e entrevistas, podemos considerar que um complementa o outro, assim como suas respostas. Os alunos em sua maioria atribuem as responsabilidades pela educação e/ou orientação sexual aos pais, mas argumentam que gostariam de ser mais intimado com os mesmos, apontando como principal barreira para abordar o assunto, a vergonha. Brasileiro (2001), infere que o ensino sobre a sexualidade deve considerar a individualidade, de quem ensina e de quem aprende e que seria muito válido se esse processo fosse desenvolvido no ambiente familiar, promovendo assim, o amadurecimento sem traumas, sem violências, com menores riscos de futuros conturbados nesse aspecto da vida.

---

<sup>14</sup> BRIDGE , Susie Jolly, PINAR, Ilkkaracan, **Sexualidade**. Ed. 18, 2007. Disponível em:< [http://www.bridge.ids.ac.uk/docs/InBrief18\\_Sexualidade.pdf](http://www.bridge.ids.ac.uk/docs/InBrief18_Sexualidade.pdf)>. Acesso em: 03 Nov 2014.

Referindo-se à educação e/ou orientação sexual por parte da escola, que é um ambiente destinado à formação integral do ser humano, orientando-os sobre o respeito para com seu próprio corpo e o do outro, objetivando tornar os cidadãos responsáveis e conscientes de suas capacidades, os alunos entrevistados consideram-a boa, no entanto apontam seus anseios por mais informações sobre o assunto, indicando que fossem trabalhados em forma de palestras e em sala de aula com uma maior frequência e de maneira esclarecedora acerca de diversos aspectos sobre sexualidade, expressando nesse sentido a necessidade por mais informações.

No que se refere à mídia, os entrevistados argumentam que, quando possui uma dúvida maior e que não encontram meios para satisfazer suas necessidades de conhecimento, acabam procurando a mídia por considerar esse um meio de fácil acesso, no entanto reconhecem que esses meios não são adequados. Os resultados dos instrumentos utilizados se confirmam.

### 3.3 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO APLICADO AOS EDUCADORES

Tabela 21 – Questionário aplicado com os professores

<b>Pergunta 1 – O que você entende por educação e orientação sexual?</b>
Professor A – A educação ela nasce na família, mas muitos desconhecem dessa teoria, ou seja, é a família tem que passar seus valores as seus filhos. A orientação sexual vem de uma conversa familiar e a escola dá a sua contribuição com palestras e campanhas.
Professor B – É a forma de informar e orientar as pessoas, quanto à reprodução humana, a sua sexualidade e a responsabilidade com a sua saúde e com a das outras pessoas, se prevenindo contra DST e evitando gravidez indesejada.
Professor C – É um fornecimento de informações sobre sexualidade, abrangendo saúde reprodutiva, relações interpessoais afetividade, imagem corporal, “auto-estima” e relações de gênero. Acredito que a escola tem que oferecer momentos para reflexões e questionamentos sobre o assunto até mesmo porque as crianças e os adolescentes têm inúmeras dúvidas e através dos esclarecimentos podemos ajuda-los a passar essa fase de forma tranquila, segura e consciente dos seus atos.
Professor D – Para mim esses dois temas estão interligados, porque quando você educa você orienta e quando você orienta você educa. Orientar é quando prevenimos, ensinamos os cuidados que precisamos ter na relação sexual com alguém, onde, como e com quem, são algumas das orientações que devem ser passadas.

Fonte: PRATES, Nelma dos Santos (2014)

Embora os professores percebam educação e orientação sexual como assuntos interligados e que visam informar e orientar os alunos acerca de diversos aspectos relacionados à sexualidade, educação sexual é, segundo Meira (2006), um processo informal de transmissão de saberes que engloba toda família, escola e sociedade ao longo da vida. Já a orientação sexual é um processo sistemático de informação contínua que vai possibilitar reflexões próprias e ajudar na tomada de decisões acerca dos desejos, vontades, dos limites e outros aspectos, conforme Pinto (2005).

Tabela 22 – Questionário aplicado com os professores

<b>Pergunta 2 – Como é realizada a educação/orientação sexual para os alunos do ensino fundamental matriculados no terceiro ciclo, nesta instituição escolar?</b>
Professor A – A partir de palestras com profissionais de saúde e entre outras campanhas.
Professor B – Na semana do dia 15 de setembro as meninas acompanharam uma palestra sobre orientação sexual. E no 8º ano é trabalhado o assunto sobre reprodução e orientação sexual.
Professor C – A escola tem durante o ano dois projetos (família, saúde e bem estar), onde nesta semana que ocorre os projetos os referentes temas são abordados, em um primeiro momento com meninos e meninas juntos e em outro momento separados. Acontecendo debates, e abertura para perguntas.
Professor D – Eu não trabalho este tema em minhas aulas, mas quando sou perguntado por alguns alunos sobre este assunto, respondo de acordo com sua idade.

Fonte: PRATES, Nelma dos Santos (2014)

De acordo com as respostas dos professores nas entrevistas o que foi apresentado no questionário é confirmado. O tema é trabalhado somente em dois momentos no ano, com palestras e campanhas promovidas por profissionais da saúde. Um professor aponta a abordagem do assunto no oitavo ano, em ciências, trabalhando o sistema reprodutor. Outro professor diz responder as perguntas dos alunos sempre que surgem questionamentos. A realidade que se apresenta contraria a literatura dos PCNs (1998), que apontam que o tema necessita ser trabalho de forma transversal.

Tabela 23 – Questionário aplicado com os professores

<b>Pergunta 3 – Como tem sido a sua participação nesta educação/orientação sexual para com os alunos?</b>
Professor A – Tenho dado a minha contribuição de forma meio superficial, pois exige alguém mais gabaritado para “lidá” com esse assunto.
Professor B – Eu costumo trabalhar com os alunos no 8º ano em ciências o sistema reprodutor.
Professor C – Sempre que consigo encaixar o assunto em algum conteúdo das minhas disciplinas, procuro abordá-lo. E sempre que sou procurada por algum aluno com dúvidas, procuro esclarecer.
Professor D – Pouca, com já disse, não trabalho este tema em minhas aulas. Porém acho que a hora de falar de sexo para um jovem ou adolescente é que eles “perguntam”, afinal quem pergunta quer saber.

Fonte: PRATES, Nelma dos Santos (2014)

Souza (2002), refere que o professor para trabalhar a orientação sexual da escola carecerá ter várias habilidades, como compreensão, bom senso, confiabilidade, mente aberta e estar preparado para isso. Dos professores participantes alguns alegam atuar superficialmente na abordagem do tema, todavia respondem às perguntas se caso o adolescente os procura. Outro, diz ainda, somente tratar do assunto quando perguntado, por considerar que este é o único momento que deve intervir, “*quem pergunta quer saber*”, disse o professore.

Tabela 24 – Questionário aplicado com os professores

<b>Pergunta 4 – Você se sente satisfeito com a educação/orientação sexual realizada na sua escola? Como poderia ser melhorada?</b>
Professor A – Tem sido a contente e não vejo nada que deveria ser mudado.
Professor B – Acredito que poderiam ter mais palestras para os alunos.
Professor C – Sim. Acredito que estamos fazendo a nossa parte, mas que falta mesmo é a participação dos pais. Talvez se a escola e a família andassem juntas o nosso trabalho (escola) teria grandes resultados.
Professor D – Não, acho que deveria ser mais trabalhado este assunto inclusive com os pais também.

Fonte: PRATES, Nelma dos Santos (2014)

As respostas divergem, uns acreditam que seja suficiente o trabalho desenvolvido, outros que a família deveria participar mais ativamente e outros ainda acreditam que a escola deveria fazer mais palestras para os alunos.

Tabela 25 – Questionário aplicado com os professores

<b>Pergunta 5 – Qual é a sua opinião pessoal sobre a necessidade de um profissional “Psicólogo Escolar” que oriente, ajude, coordene, supervisiona esta atividade?</b>
Professor A – Seria ótimo se tivéssemos esse profissional, porque nossos projetos teriam mais efeito sobre o que vivemos na escola.
Professor B – Este profissional é importante principalmente na idade em que os alunos se encontram.
Professor C – Toda escola deveria ter um psicólogo para atender os alunos. Muitos alunos apresentam problemas familiares graves e que muitas vezes ficam perdidos e não sabem a quem recorrer para uma ajuda uma orientação. Por isso, acho válida a presença de um psicólogo profissional dentro da instituição.
Professor D – Acho de grande valia a contratação de um psicólogo escolar, pois só assim teríamos uma orientação com um profissional habilitado.

Fonte: PRATES, Nelma dos Santos (2014)

Todos acreditam ser muito positiva a presença do psicólogo, pois atribuem a esse profissional a responsabilidade de tratar sobre o tema, o que fica exposto na seguinte fala: *“Toda escola deveria ter um psicólogo para atender os alunos. Muitos alunos apresentam problemas familiares graves e que muitas vezes ficam perdidos e não sabe a quem recorrer para uma ajuda, uma orientação. Por isso, acho válida a presença de um psicólogo profissional dentro da instituição”*. Nesse sentido, Egypto (2003), nos diz que um dos aspectos essenciais e complexos da psicologia escolar na abordagem desse tema é buscar um caminho para tratar a questão do desenvolvimento da sexualidade de forma criativa e proveitosa, tornando-o o mais interessante e natural possível para todas as pessoas envolvidas nesse processo, alunos, professores, pais e a comunidade, porque se torna evidente a atuação desses jovens em seus diferentes grupos sociais, suas manifestações e expressões e o crescente papel social que o jovem vem assumindo em nossa sociedade.

### 3.3.1 – Análise geral do questionário aplicado com os professores

Embora os Parâmetros Curriculares Nacionais incentivem a abordagem do assunto sexualidade como tema transversal, ou seja, trabalhado em diversas disciplinas teóricas, explorando os mais variados aspectos da sexualidade humana, a realidade que se apresenta é diferente. Os professores que participaram da pesquisa dizem que duas vezes no ano são feitas palestras e campanhas voltadas à

sexualidade e apenas um professor disse trabalhar o tema em sala de aula, na disciplina de ciências, abordando o sistema reprodutor humano. Brasileiro (2001), refere que a educação sexual deve ir além do sexo, dando referências aos limites de respeito mútuo da individualidade, tratando também de aspectos como a menstruação, ereção, reprodução, prazer, funcionamento dos órgãos genitais, direitos sexuais, entre outros.

Os professores colocam, ainda, que sempre que procurados pelos alunos, buscam esclarecer as dúvidas que lhes são apresentadas e consideram que o trabalho desenvolvido na escola poderia ter mais participação dos pais ou responsáveis, pois acreditam que dessa maneira o resultado seria mais positivo.

Todos acreditam ser muito positiva a presença do psicólogo, pois atribuem a este profissional a responsabilidade de tratar sobre o tema e outras situações que por ventura aconteçam, o que fica exposto na seguinte fala: *“Toda escola deveria ter um psicólogo para atender os alunos. Muitos alunos apresentam problemas familiares graves e que muitas vezes ficam perdidos e não sabe a quem recorrer para uma ajuda uma orientação. Por isso, acho válida a presença de um psicólogo profissional dentro da instituição”*. Nesse sentido, Egypto (2003), infere que um dos aspectos essenciais e complexos da psicologia escolar na abordagem desse tema é buscar um caminho para tratar a questão do desenvolvimento da sexualidade de forma criativa e proveitosa, tornando-o o mais interessante e natural possível para todas as pessoas envolvidas nesse processo.

### 3.4 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS COM OS PROFESSORES

Tabela 26 – Entrevista com os professores

<p><b>1- Segundo informações que temos o tema sexo e/ou sexualidade na escola é trabalhado duas vezes no ano em forma de palestra com profissionais da saúde (psicólogos ou enfermeiros)? O que você considera sobre isso?</b></p>
<p>Professor A: A principio é interessante, essa foi a primeira que eu participo. Interessante porque se vê nas meninas de hoje em dia a questão de a sexualidade estar aflorada, você vê isso estampado nelas e tudo que eles fazem esta relacionada a sexo, qualquer gesto ou palavras ditas em sala já imagina sexo, criam suas fantasias. É interessante por conta disso que se trabalha a sexualidade, de como deve ser feito, então entra a orientação mais sobre as doenças que se deve evitar. Sei que a forma de trabalho mais aprofundado sobre o tema duas vezes por ano, considero que não é o suficiente. Sou um professor de português e não vejo como trabalhar mais aprofundado, uma vez que eu não tenho conteúdo para trabalhar esse assunto. É um assunto delicado é serio, não é simplesmente chegar na sala e jogar .</p>
<p>Professor B: Sobre as palestra que teve aqui foram para as meninas, neste dia não participei, porque era somente para meninas. Também trabalho na sétima serie sexualidade que esta no currículo como reprodução e planejamento familiar. Talvez se tivesse um projeto e todas as turmas fossem trabalhado o assunto, não somente na sétima serie, como no currículo escolar</p>
<p>Professor C: Considero que não seja o suficiente, mas como a gente tem que abordar outros temas importantes também. A gente trabalha em sala, também as vezes tem disciplina que podemos falar sobre o assunto e discutir em sala, ou as vezes o aluno levanta uma questão sobre sexualidade então debatemos em sala de aula. Porque às vezes os alunos tem mais liberdade de perguntar para os professores do que para os pais em casa. A gente tenta fazer o que pode, mas suficiente sabemos que não é. Sabemos que tem alunos que precisa de mais orientações, infelizmente.</p>
<p>Professor D: Acho importante, mas tem que ser bem trabalho e separando de acordo com a faixa etária. Mas acho muito importante os pais também trabalhar a sexualidade em casa.</p>

Fonte: PRATES, Nelma dos Santos (2014)

Os professores, quando questionados sobre a importância e a frequência com que trabalham o tema sexo e sexualidade dizem que é muito interessante o trabalho que é feito duas vezes por ano na escola com profissionais da saúde, em especial o trabalho que é feito com as meninas. Entretanto esses professores consideram que o tema deveria ser abordado com mais frequência, porém em sala de aula apenas um dos entrevistados disse trabalhar o tema, e isso acontece exclusivamente no oitavo ano. Os demais professores dizem não saber como abordar o assunto em suas disciplinas, como por exemplo, português, conforme a

seguinte fala – “Sou um professor de português e não vejo como trabalhar mais aprofundado, uma vez que eu não tenho conteúdo para trabalhar esse assunto”. Um dos professores tem ainda a concepção de que os pais deveriam se envolver na abordagem do tema: “Mas acho muito importante os pais também trabalhar a sexualidade em casa”.

Frente às dificuldades comumente encontradas pelos professores na abordagem do tema sexualidade, os PCNs dentre outras bibliografias, oferecem sugestões de como trabalhar o assunto em diferente disciplinas e em diferentes faixas etárias.

Tabela 27 – Entrevista com os professores

<b>2-Você tem recebido orientações de como trabalhar a educação e/ou orientação sexual? Quais orientações? De que forma tem sido orientado?</b>
<b>Professor A:</b> Na escola nunca recebi nenhuma orientação de como trabalhar o assunto sexualidade,
<b>Professor B:</b> Nossa orientação tem nos livros somente, nunca tive orientação de um profissional especializado nesta área, talvez pudesse ter na escola um profissional para trabalhar sobre esse tema.
<b>Professor C:</b> Na verdade eu busco, leio muito sobre isso em bibliografia e <i>internet</i> , ou discuto com pessoas mais experientes, até mesmo o próprio ginecologista da gente pergunta sobre algumas duvida. Mas dizer que temos cursos especialização sobre sexualidade e como trabalhar, eu não tenho.
<b>Professor D:</b> Não tenho. A minha área é uma área das exatas de pouca conversa.

Fonte: PRATES, Nelma dos Santos (2014)

Todos os professores entrevistados afirmam não receber ou não ter recebido qualquer orientação ou formação para abordar o tema sexo e sexualidade com os alunos. Um dos participantes diz buscar tais informações por conta própria em bibliografias, *internet* ou com auxílio de experiências pessoais.

Tabela 28 – Entrevista com os professores

<b>3-O que você sabe sobre as orientações contidas nos PCNs sobre educação e/ou orientação sexual?</b>
Professor A: Pra ser sincero eu nunca peguei para saber se tinha alguma coisa sobre a orientação sexual.
Professor B: Nunca cheguei a ver o PCNs e não sei do que se trata ou se já vi não estou lembrado.
Professor C: Acho que nada, lembro-me de ter lido já tem um tempinho, quando realizei um projeto no “CEJA”, e depois não li mais isso não
Professor D: Tenho lido, ele orienta a trabalhar dentro da faixa etária, tá esclarecendo pro aluno, assim, principalmente prevenindo, considera-se não só nos PCNs, mas na sociedade, porque se o professor começar a falar sem ser de forma de prevenção, tipo orientação, “diz que tem um comentário aí”, que você está incentivando o aluno a prática sexual, e “diz que” não é pra incentivar. Eu não vejo assim, eu vejo de um jeito e a própria sociedade vê de outro, e a própria escola de repente tem que ir com mais cautela e não bater de frente com a sociedade.

Fonte: PRATES, Nelma dos Santos (2014)

Apenas dois dos professores participantes dizem ter lido ou ter acesso aos PCNs. Um deles considera que o assunto deve ser trabalhado de acordo com a faixa etária e voltado a prevenção, com cuidados para não incentivar a prática sexual, pela visão "da sociedade" acerca deste trabalho, “[...] porque se o professor começar a falar sem ser de forma de prevenção, tipo orientação, “diz que tem um comentário aí”, que você está incentivando o aluno a prática sexual, e “diz que” não é pra incentivar”. Os outros dois entrevistados disseram nunca ter lido o PCNs.

Tabela 29 – Entrevista com os professores

<b>4-O tema educação e/ou orientação sexual tem sido trabalhado na formação continuada dos professores nesta escola? De que forma?</b>
Professor A: Já foi trabalhado na formação continuada mais não muito aprofundado, esse ano veio uma psicóloga lá da Ajes para falar sobre doenças sexualmente transmissível, não me lembro certo.
Professor B: Esse ano não.
Professor C: Não aborda o tema sexo e sexualidade na formação continuada.
Professor D: Tenho pouco tempo nesta escola, fica complicado te responder, mas dentro desse tempo aqui na escola não tem sido trabalho na formação continuada o tema sexualidade. Foram trabalhos outros temas.

Fonte: PRATES, Nelma dos Santos (2014)

Embora a sexualidade seja um dos temas que podem ser trabalhados na formação continuada dos entrevistados, apenas um professor diz que o tema foi trabalhado na formação continuada no ano de 2014, os demais dizem que o assunto não foi abordado em nenhum momento da formação.

Tabela 30 – Entrevista com os professores

<b>5-Você considera que seu trabalho na educação e/ou orientação sexual tem sido suficiente para atender as necessidades de seus alunos adolescentes?</b>
Professor A: Não por conta do que já te falei, eu não tenho conteúdo para trabalhar sobre sexualidade. E para trabalhar sexualidade é necessário ter uma semana para falar do assunto sobre este tema e trazer um profissional que certamente tem um conhecimento maior e a forma de como tratar sobre esse assunto, porque é um assunto delicado. Eu já pensei em buscar saber mais do assunto para trabalhar de forma mais superficial não muito aprofundado. Algo para levar para dentro da sala.
Professor B: Não tenho conhecimento, eu deveria ter um preparo melhor e um tempo exclusivo para isto.
Professor C: Não, com certeza que não, eu devo ser um pontinho uma gota assim. O Trabalho sobre o tema é grande demais, necessito demais informação.
Professor D: Não são suficientes, porque não estou preparado, por questão da minha área ser exata “matemática” mais cálculos e se deixar pra trás ela vai fazer falta lá na frente. E o que eu faço em sala é muito pouco, pois só falo do tema se o aluno me perguntar. Seria interessante que a escola invista mais sobre essa temática.

Fonte: PRATES, Nelma dos Santos (2014)

Todos os professores disseram ser insuficientes os trabalhos que desenvolvem sobre o tema na escola pesquisada, alguns alegam a falta de conteúdo, outro a falta de conhecimento, tempo e investimento por parte da escola. Um dos professores diz que trabalha a disciplina de matemática e não sabe como abordar o assunto, conforme sua fala: “[...] *por questão da minha área ser exata “matemática” mais cálculos e se deixar pra trás ela vai fazer falta lá na frente, e o que eu faço em sala é muito pouco, pois só falo do tema se o aluno me perguntar*”. Assim sendo, por unanimidade os professores dizem sentir falta de mais formação sobre o assunto o que favoreceria a abordagem do tema com os jovens.

#### 3.4.1 Análise da Entrevista com os Professores

Nas entrevistas os professores relataram a falta de formação e de informação sobre o tema, o que segundo a visão dos mesmos, torna o trabalho mais difícil de ser desenvolvido. Fato esse que contraria os dizeres dos PCNs quando sugerem que o tema seja de conhecimento dos professores por meio das formações

continuadas. Quanto aos Parâmetros Curriculares Nacionais, acima citados, apenas dois professores disseram ter lido ou ter acesso a estas normativas.

Outra dificuldade apontada pelos participantes é a maneira de abordar o tema com os jovens, uma vez que existe a preocupação de não incentivar a prática sexual, o que segundo o relato de um professor é comum. Para a sociedade, conforme as falas desse professor, “*quando se aborda o assunto de maneira que não seja voltada a prevenção soa como incentivo à prática sexo*”, o que não é percebido com bons olhos pela sociedade.

A esse respeito nos PCNS (1998) se informa que “todas essas reações indicam as dificuldades para lidar com o tema, o medo de errar e de não ser “normal”, o medo da opinião alheia, são difíceis porque se referem às coisas íntimas que dizem respeito a cada adolescente, sem exceção”. Colocam também a necessidade que percebem, de informação sobre o tema, conteúdos, materiais e de investimentos por parte da escola que facilitem a abordagem do assunto.

#### 3.4.2 Análise conjunta do Questionário e Entrevista dos Professores

Embora os professores considerem a importância de se trabalhar o tema sexo e sexualidade como uma forma de educação e/ou orientação sexual, assim como dizem os PCNs, argumentam que o tema é mais explorado duas vezes ao ano, com atividades voltadas especificamente à sexualidade na adolescência e realizada em forma de palestra com profissional da saúde, alegando que esse é o profissional mais indicado para abordar o assunto, pois possuem conhecimentos mais amplos sobre o tema. Tanto no questionário quanto na entrevista os professores reconhecem que seus trabalhos sobre orientação sexual são insuficientes, argumentado pela falta de conteúdo e conhecimento para satisfazer as expectativas dos alunos. Alguns professores disseram que gostariam de fazer um aperfeiçoamento sobre o assunto para contribuir de forma eficaz nos anseios dos alunos, mas que isso é uma questão que exige tempo.

### 3.5 ANÁLISE GERAL DA PESQUISA COM PROFESSORES E ALUNOS

Ainda que os professores considerem a importância de se trabalhar o tema sexo e sexualidade como uma forma de educação e/ou orientação sexual, assim

como propõem os PCNs (1998) e demais literaturas que norteiam a abordagem da temática na educação, argumentam que o assunto é mais explorado duas vezes ao ano com atividades voltadas específicas a sexualidade na adolescência, realizada em forma de palestra com profissional da saúde, por ser este profissional, segundo a visão dos professores participantes, o mais capacitado e possuidor de conhecimentos mais amplos sobre o tema. Realidade esta, confirmada quando os alunos dizem considerar boas as orientações recebidas na escola, no entanto, aponta seus anseios por mais informações sobre o assunto, indicando que fosse trabalhado em forma de palestras e em sala de aula com maior frequência e de maneira esclarecedora acerca de diversos aspectos sobre sexualidade.

Espera-se que a escola deseje ter uma visão holística das experiências vividas por seus alunos e que busquem sempre desenvolver o prazer pelo conhecimento. Para que isso aconteça é necessário que a escola e seus profissionais reconheçam que desempenham um papel de grande importância para a educação sexual dos jovens e que esta estará sempre ligada à vida, à saúde, ao prazer e ao bem-estar, englobando diversas dimensões do ser humano.

No que se refere à educação e orientação sexual dos alunos, a maioria dos participantes atribuem a responsabilidades aos pais, e dizem que gostariam de ter mais intimidade com os mesmos, apontando como principal barreira para abordar o assunto à vergonha. Egypto (2003), elencou que embora a sexualidade seja função da família, esta não costuma ter o domínio e o conhecimento necessário para lidar com ela, o que fica agravado diante da realidade que vivemos, porque os pais também não conseguem ter controles sobre os meios de informação utilizados pelos jovens para suprir as necessidades de conhecimento, tão pouco os estímulos que chegam de todos os lados até os jovens.

Nesse sentido, os entrevistados argumentam que quando possuem uma dúvida maior, ou quando não encontram meios para satisfazer suas necessidades de conhecimento acabam procurando a mídia por considerar este um meio de fácil acesso, embora reconheçam que esse meio não é confiável. A respeito da confiabilidade das informações contidas na mídia Pereira (2005), menciona que muitas vezes as informações apresentadas são uma visão distorcida da atividade sexual e que comumente encontramos publicidades que associem a sexualidade à diversão e excitação em momento algum destacando a responsabilidade que deve envolver a temática.

Percebemos, então, com a utilização dos instrumentos que constituíram esta pesquisa que embora as informações cheguem de alguma forma aos jovens, eles carecem de conhecimentos mais voltados a diversos aspectos da sexualidade que não somente o uso de preservativos. Para que isso seja mudado é preciso um maior envolvimento dos pais, da escola e da sociedade no trato do tema, o que requer informações e capacitações para tanto. Assim, o trabalho mais efetivo nas escolas pode acarretar mudanças positivas nos comportamentos dos jovens e conseqüentemente maior responsabilidade sobre seus atos e mais qualidade de vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi desenvolvida na essência de obter um conhecimento mais amplo e vasto sobre a sexualidade na adolescência e a orientação sexual, em um contexto escolar específico, assim não podemos generalizar os problemas apresentados, pois trata-se de uma amostra com dez alunos e quatro professores ambos do terceiro ciclo do ensino fundamental. Assim sendo, ao longo dessa pesquisa foi possível perceber que existem muitos anseios e dúvidas sobre como abordar o tema, objeto desta pesquisa. A problemática deste trabalho visa entender quais os conhecimentos dos jovens sobre sexo e sexualidade, quais são as principais fontes para a obtenção desse conhecimento, como está sendo realizada a educação ou orientação sexual na escola pesquisada e qual é a percepção desses profissionais (educadores) sobre a presença do psicólogo escolar especialmente na orientação sexual dos adolescentes.

A pesquisa aplicada resultou no conhecimento acerca das dificuldades dos alunos em falar sobre o tema, a falta de conhecimento sobre a distinção entre sexo e sexualidade e demais aspectos diretamente relacionado, que são de suma importância para seu desenvolvimento sexual saudável. Foram apresentados pelos alunos dificuldades para falar e tratar do tema, tanto com os pais como com os professores, devido à falta de orientação. Os jovens participantes apontaram como grandes dificuldades em falar do assunto, à vergonha sendo um dos motivos que levam esses adolescentes, na maioria das vezes, procurarem os meios de comunicação, por sua vez de fácil acesso, em busca de mais conhecimentos sobre sexo e sexualidade.

Embora a pesquisa não tenha envolvido diretamente os pais ou responsáveis, percebeu-se com a ajuda da literatura utilizada neste trabalho que estes têm um papel muito relevante na formação, educação e/ou orientação sexual de seus jovens. Fato este que fica claro quando os participantes atribuem grande responsabilidade para os seus pais nas primeiras orientações acerca da sexualidade.

Os professores por sua vez, destacam suas dificuldades a falta de informações sobre o assunto, atribuem a responsabilidade também aos pais, pela ausência de acompanhamentos da vida escolar dos filhos.

Neste sentido, o psicólogo escolar é apontado pelos educadores como sendo de grande valia pelos seus conhecimentos e habilidades, contribuindo significativamente na vida de todos os envolvidos. Num trabalho em conjunto submergindo escola, família e sociedade, buscando parcerias efetivas com políticas públicas, na conscientização dos direitos humanos garantidos aos jovens, família e escola. Atuando como facilitador, conscientizador, orientador, coordenador, supervisor em uma educação e/ou orientação sexual eficaz e saudável.

Desse modo, ficou claro diante da pesquisa que os jovens possuem conhecimentos sobre como se prevenir das doenças sexualmente transmissíveis e evitar a gravidez indesejada, porém demonstraram muito interesse em possuir um conhecimento maior sobre puberdade, virgindade, aborto, possibilidades de manifestação da sexualidade e outros assuntos relacionados.

Diante de todos os aspectos relacionados a sexo e sexualidade em um contexto geral, não podemos generalizar as informações colhidas nesta pesquisa, pois, se tratando de sexualidade humana, englobam-se fenômenos relacionados à cultura, valores, crenças, tabus na maneira de cada indivíduo expressar a sua sexualidade.

Nesse contexto escolar em especial com os alunos participantes da amostra, será uma utopia acreditar que na realidade observada o tema seja percebido como natural, uma vez que esse é envolvido por preconceitos, medos, angústias, vergonhas e aspectos íntimos que influenciam profundamente as manifestações de opinião e da própria sexualidade.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Aidil de Jesus Paes de. **Projeto de pesquisa: proposta metodológica**. Petropolis,RJ: Vozes, 1990.

BIERNATH, André. **História da Sexualidade (Michel Foucault)**. 2012. Disponível em: <http://andrebiernath.blogspot.com.br/2012/09/historia-da-sexualidade-michel-foucault.html>. Acesso em: 10 Nov 2014.

BITTAR, Eduardo C.B. **Metodologia da pesquisa jurídica: teoria e prática da monografia para os cursos de direito**. São Paulo-SP: Sraiva, 2007.

BOCK, Ana Mercês Bahia. **Psicologias – Uma Introdução ao Estudo de Psicologia**. 13. ed. Reform. e ampl. – São Paulo: Saraiva, 2002 (14ª tiragem 2008).

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**. Salvador: 2010.

BRASILEIRO, E. S. F.; BRASILEIRO, M. S. E. **Educação sexual**. Goiânia: R & F Editora, 2001.

BUSIN, Valéria Melki. **Direito humanos para ativista por direitos sexuais e direitos reprodutivos**. 1 ed. São Paulo: 2013. Disponível em: <[http://catolicas.org.br/wp-content/uploads/2013/01/Cartilha-DireitosHumanos para ativistas.pdf](http://catolicas.org.br/wp-content/uploads/2013/01/Cartilha-DireitosHumanos%20para%20ativistas.pdf)> Acesso em: 14 Nov. 2014.

CAMPOS, D. M. S. **Psicologia da adolescência**. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

CANTIL, Vera Lucia Lamanno. **Terapia familiar e de casal**. 8 ed. São Paulo: Sammus, 1987.

CERVO, Amado Luiz. **Metodologia científica**. 5. ed. – Amado Luiz Cervo, Pedro Alcino Bervian, São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006.

COSTA, Jurandir Freire. **O referencial da idade homossexual**. Sexualidade Brasileira.. Rio de Janeiro: Relume: Dumara. 1996.

DENZIN, Norman e LINCOLN, Yvonna S (Eds.). **Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa**. In: DENZIN, Norman e LINCOLN, Yvonna. O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. Tradução de Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 15-41.

DUNIS, R. **Jovens: Desenvolvimento e identidade**. São Leopoldo: Sinodal, 2000.

EGYPTO, A. C. **Orientação Sexual: um projeto apaixonante**. São Paulo: Cortez, 2003.

GALLATIN, Judith Estelle. **Adolescência e individualidade: uma abordagem conceitual da psicologia da adolescência**. São Paulo. Harper & Row do Brasil Ltda, 1978.

KARMEL, P H. *et. al.* **Estatística Geral e Aplicada à Economia**. São Paulo: Atlas, 1977.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Mariana de Andrade. **Técnica de pesquisa bibliográfica**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1996.

LANNES, Maria Angélica Vieira. **A importância da orientação sexual no ensino fundamental**. Ano: 2001. Disponível em: <<http://www.avm.edu.br/.pdf>> Acesso em: 09 nov. 2013.

LAY, Giorgia. **A Gravidez na Adolescência**. 2014. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/biologia/gravidez-adolescencia.htm>> Acesso em: 09 nov 2013

LIMA, Lana L. da Gama. **Confissão e Sexualidade**.

LOPES, C. S. M *et. al.* **Educação sexual no século XXI, uma verdade ou ainda um tabu? Relato de experiência com adolescentes em Escola Pública**. Disponível em: <http://www.senept.cefetmg.br/galerias/Anaispdf>> Acesso em: 16 set. 2013.

LOREDO, Paula. **Métodos Contraceptivos**. 2014. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/biologia/anticoncepcionais.htm>> acesso dia 15 out. 2014.

MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MARTINEZ, Albertina Mitijáns. **Psicologia Escolar: ética e competência na formação e atuação profissional**. Campinas: Editora Alínea, 2010.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de Marketing**. São Paulo: Atlas, 1996

MEIRA, Marisa E. Melilo. Et. Al. **Psicologia escolar, Desenvolvimento Humano e Sexualidade: Projetos de orientação sexual em instituições educacionais**. 2006. Disponível em: < <<file:///D:/Users/Downloads/199-853-1-PB.pdf>> > Acesso em: 10 Set. 2014.

Ministério da Saúde. Disponível em: <[http://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/cd03\\_05.pdf](http://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/cd03_05.pdf)> Acesso em: 10 Out. 2014.

Moura, Ana F. Muller *et. al.* 2011. **Possíveis contribuições da psicologia para a educação sexual em contexto escolar**. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/index.php/PA?dd1=5789&dd99=pdf>>. Acesso em: 10 Out. 2014.

MUÑOS, Vernor. **Educação sexual, Direitos Humanos**. 1 ed. Prologo de Moriana Hernández. Montevideu: CLADEM, 2010.

NICOLESCU, Basarab. **Um Novo Tipo De Conhecimento – Trasndisciplinarietà.** 1999. Disponível em: <[http://www.vdl.ufc.br/solar/aula\\_link/llpt/A\\_a\\_H/didatica\\_l/aula\\_04/imagens/01/transdiisciplinarietà.pdf](http://www.vdl.ufc.br/solar/aula_link/llpt/A_a_H/didatica_l/aula_04/imagens/01/transdiisciplinarietà.pdf)>. Acesso em: 11 de Nov de 2014.

PAIVA, Vera. **Fazendo arte com a camisinha.** São Paulo: Summus, 2000.

PAPALIA, Diane E. **Desenvolvimento Humano.** 10 ed. Porto Alegre: AMGH, 2010.

PAPALIA, Diane. **Desenvolvimento Humano.** 8 ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

**Parâmetros Curriculares Nacional.** 1998. Orientação Sexual. Disponível em: <[ftp://ftp.fnde.gov.br/web/pcn/05\\_08\\_orientacao.pdf](ftp://ftp.fnde.gov.br/web/pcn/05_08_orientacao.pdf)>. Acesso em: 15 set. 2013.

PARKER, Richard. *et al.* **Sexualidade Brasileira.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

PEREIRA, A. C. A. **O adolescente em desenvolvimento.** São Paulo: Harbra, 2005.

PINTO, Maria C. Domingues. **Orientação Sexual e Educação Sexual.** 1995. Disponível em: <<http://www.gtpos.org.br/Images/boletim/4.pdf>> Acesso em: 05 Out. 2014.

ROMEIRO, R. C. O. **TV Vídeo: Instrumento no Trabalho Sexualidade do adolescente.** Disponível em: <<http://artigos.psicologado.com/psicologia-geral/sexualidade/tv-e-video-instrumentos-no-trabalho-da-sexualidade-do-adolescente>>. Acesso em: 01 de nov. 2013.

SHAFFER, Davi R. **Psicologia do Desenvolvimento: infância e adolescência.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

SOUZA, Hália Pauliv. **Sexo, energia presente em casa e na escola.** São Paulo: Paulinas, 2002.

SOUZA. Ana Flora Müller, e colaboradores. **Possíveis contribuições da psicologia para a educação sexual em contexto escolar.** Ano: 2011. Disponível em: <<file:///D:/Users/Downloads/pa-5789.pdf>> Acesso em: 03 set. 2014.

STREY, Marlene Neves. **Psicologia social contemporânea.** 9 ed. Petrópolis RJ: Vozes, 1998.

WEREBER, M. J. G. **Sexualidade, política e educação.** Campinas: Autores Associados, 1998.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A



**AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA  
BACHAREL EM PSICOLOGIA**

**QUESTIONÁRIO APLICADOS ALUNOS:**

**Sexualidade na Adolescência e Orientação sexual**

Data \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

1. Caracterização do entrevistado:

Escolaridade: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Sexo: \_\_\_\_\_

Estado civil

Solteiro

Casado

Outros

Escolaridade do Pai:

Ensino Fundamental

Ensino Médio

Ensino Superior

Ensino Fundamental Incompleto

Ensino Médio Incompleto

Ensino Superior Incompleto

Escolaridade da Mãe:

Ensino Fundamental

Ensino Médio

Ensino Superior

Ensino Fundamental Incompleto

Ensino Médio Incompleto

Ensino Superior Incompleto

**2. Em relação a sexo e sexualidade você já recebeu alguma educação/orientação?**

Sim. Quais?

Não. O que pensa sobre isso?

3. Em sua opinião de quem deve ser a responsabilidade pela sua educação sexual?

Pais ou responsáveis

Escola – professores, coordenadores, direção, entre outros.

( ) Mídia – Televisão, rádio, jornais e revistas, internet

( ) Outros – Quais?

Justifique:

4. Onde você busca esclarecimento e respostas para suas dúvidas quanto a sexualidade?

( ) Pais ou responsáveis

( ) Escola – professores, coordenadores, direção, entre outros.

( ) Mídia – Televisão, rádio, jornais e revistas, internet

( ) Outros – Quais?

Justifique:

6. Você conversa sobre sexualidade com seus pais e/ou responsáveis?

( ) Sim. Explique?

( ) Não. Por quê?

7. O que você acha da educação/orientação sexual recebida da escola? Argumente.

8. Existem barreiras para falar sobre sexo e sexualidade na adolescência?

( ) Sim. Quais?

( ) Não. Por quê?

9. Onde e com quem você procura tirar suas dúvidas sobre sexualidade?

( ) Pais ou responsáveis

( ) Escola – professores, coordenadores, direção, entre outros.

( ) Mídia – Televisão, rádio, jornais e revistas, internet

( ) Outros – Quais?

Argumente:

10. Como você acredita que deveriam ser trabalhadas as informações sobre se sexualidade:

Pelos pais e/ou responsáveis:

Pela escola:

Pelos meios de comunicação:

11. Quais as doenças sexualmente transmissível que você tem conhecimento cite as que você conhece?

12. Você possui algum conhecimento por sexo seguro?

( ) Sim. Quais?

( ) Não. Argumente.

13. Você já recebeu alguma informação sobre doenças sexualmente transmissíveis?

( ) Sim. Quais, onde e com quem?

( ) Não. Porque?

14. Quais seus conhecimentos sobre o aborto (provocado) e o que você pensa em relação a isso?

15. Segue-se uma lista de valores de alguma forma associados à vivência da sexualidade humana. Desta lista selecione os 3 VALORES que você considera mais importantes, diante da sua experiência pessoal.

### SELECIONE APENAS TRÊS ITENS:

- [  ] Respeito – tratar o Outro com cortesia, justiça, consideração e apreço.  
 [  ] Prazer – estado afetivo agradável, satisfação, contentamento, alegria, gosto, bem-estar.  
 [  ] Informação – ato ou efeito de esclarecer-se sobre um determinado assunto.  
 [  ] Fidelidade – relação caracterizada por uma união exclusiva entre os elementos do casal.  
 [  ] Liberdade – agir livremente sem repressão e segundo a sua vontade, mas respeitando os outros.  
 [  ] Amor – sentimento que nos atrai para o objeto dos nossos desejos; afeição; paixão.  
 [  ] Proteção da saúde – adoção de comportamentos seguros e saudáveis.  
 [  ] Diálogo aberto – conversa entre duas ou mais pessoas livre de tabus ou preconceitos.  
 [  ] Prevenção da gravidez – adoção de medidas específicas para prevenir a gravidez.  
 [  ] Autoestima – possuir sentimentos positivos sobre si como, por exemplo, confiança e apreço.  
 [  ] Outro (especifique)\_\_\_\_\_.

16. Cada uma das seguintes afirmações pode ser respondida por Verdadeiro ou Falso. Indique a sua posição relativamente a cada declaração utilizando as seguintes alternativas:

**V- Verdadeiro. F- Falso. N – Não sei.**

- a) Após a puberdade as diferenças físicas e psicológicas entre homens e mulheres acentuam-se. [\_\_\_\_\_]  
 b) A prática da masturbação pode ser considerada prejudicial. [\_\_\_\_\_]  
 c) A virgindade nos jovens é um sinal de fraqueza pessoal ou incapacidade em atrair parceiros (as). [\_\_\_\_\_]  
 d) Sentir-se sexualmente atraído por pessoas do mesmo sexo é sinal de doença mental. [\_\_\_\_\_]  
 e) A capacidade em resistir à pressão sexual, negar-se a fazer sexo sem se sentir preparado (a) é um elemento importante do nosso bem estar físico e emocional. [\_\_\_\_\_]  
 f) Você acredita que a assistir a determinados conteúdos apresentados pela mídia (filmes, novelas, seriados, propagandas), podem induzir crianças e adolescentes a terem experiências sexuais. [\_\_\_\_\_]  
 g) Menstruação é a perda fisiológica de sangue originária do útero, com duração média de 3 a 5 dias. [\_\_\_\_\_]  
 h) A pessoa virgem (feminina ou masculina) é aquela que não teve relação sexual [\_\_\_\_\_]  
 i) Na primeira relação sexual da mulher pode engravidar. [\_\_\_\_\_]

## APÊNDICE B



### AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA BACHAREL EM PSICOLOGIA

#### Entrevista com os alunos

#### Sexualidade na adolescência e Orientação sexual

- 1) Quando se fala em sexo e sexualidade o que você entende?
- 2) Como você gostaria que fosse tratado o assunto “sexo e sexualidade” com seus pais e na escola e quais assuntos gostaria que fosse mais falado?
- 3) Os pais são os maiores responsáveis pela educação e/ou orientação sexual segundo sua resposta no questionário, mas os jovens procuraram solucionar suas duvidas na mídia? Por que você acha que isso acontece?
- 4) Quando diz que a maior barreira é a vergonha para falar sobre sexualidade. O que você pensa sobre isso?

## APÊNDICE C

**AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA  
BACHAREL EM PSICOLOGIA****QUESTIONÁRIO PROFESSORES:****Sexualidade na adolescência e Orientação sexual**

Data \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

1. Caracterização do entrevistado:

Formação:

\_\_\_\_\_  
Especialização: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_ Sexo: \_\_\_\_\_

Estado civil: ( ) Solteiro ( ) Casado ( ) Outros

1- O que você entende por educação e orientação sexual?

2- Como é realizada a educação/orientação sexual para os alunos do ensino fundamental matriculados no terceiro ciclo, nesta instituição escolar?

3- Como tem sido a sua participação nesta educação/orientação sexual para com os alunos?

4- Você se sente satisfeito com a educação/orientação sexual realizada na sua escola? Como poderia ser melhorada?

- 5- Qual é a sua opinião sobre a necessidade de um profissional “Psicólogo Escolar” que oriente, ajude, coordene, supervisiona esta atividade nesta Escola?

**APÊNDICE D****AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA  
BACHAREL EM PSICOLOGIA****ENTREVISTA COM OS PROFESSORES:**

- 1) Segundo informações que temos o tema sexo e/ou sexualidade na escola é trabalhado duas vezes no ano em forma de palestra com profissionais da saúde (psicólogos ou enfermeiros)? O que você considera sobre isso?
- 2) Você tem recebido orientações de como trabalhar a educação e/ou orientação sexual? Quais orientações? De que forma tem sido orientado?
- 3) O que você sabe sobre as orientações contidas nos PCNs sobre educação e/ou orientação sexual?
- 4) O tema educação e/ou orientação sexual tem sido trabalhado na formação continuada dos professores nesta escola? De que forma?
- 5) Você considera que seu trabalho na educação e/ou orientação sexual tem sido suficiente para atender as necessidades de seus alunos adolescentes?

**ANEXO****AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA  
BACHAREL EM PSICOLOGIA****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após consentimento livre e esclarecido dos sujeitos, indivíduos ou grupos que por si e/ou por seus representantes legais manifestem a sua anuência à participação na pesquisa.

Exige-se que o esclarecimento dos sujeitos se faça em linguagem acessível e que inclua necessariamente os seguintes aspectos:

O senhor (a) está sendo convidado (a) a participar e uma pesquisa na área de Psicologia intitulada “Sexualidade na Adolescência”. Este estudo está sendo conduzido pela graduanda em Psicologia da AJES de Juína/MT, Nelma dos Santos Prates, portador do RG 13580558 SSP/MT, orientada pelo Profº. Drº. Francisco Curbelo Bermúdez.

Esta pesquisa tem como objetivo geral, Investigar o “grau de conhecimento que os adolescentes têm sobre sexo e sexualidade e o papel da família, a escola e os meios de comunicação” Numa Escola Estadual na cidade de Juína.

Ao assinar este termo de consentimento livre e esclarecido, o senhor (a) estará também autorizando a pesquisadora a publicar os seus resultados, por meio de veículos impressos, apresentação em eventos acadêmicos ou outros meios de divulgação científicos, sem nenhum tipo de ressarcimentos, garantindo a sua privacidade em todo o processo.

Eu \_\_\_\_\_,  
portador do RG \_\_\_\_\_ SSP/ \_\_\_\_\_ declaro que fui informado  
e devidamente esclarecido do projeto de pesquisa intitulado “**Sexualidade na  
adolescência e orientação sexual**”, desenvolvido pela acadêmica Nelma dos  
Santos Prates, devidamente matriculada no curso de Psicologia da AJES, quanto o  
itens da Resolução 196/96.

Declaro que após ser esclarecido pelo pesquisador a respeito da pesquisa, consinto  
voluntariamente em participar desta pesquisa.

---

Assinatura do pesquisado

Juína, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2014

### **Declaração do pesquisador**

Declaro, para fins da realização da pesquisa, que cumprirei todas as  
exigências acima, na qual obtive de forma apropriada e voluntária, o consentimento  
livre e esclarecido do declarante acima, qualificando para a realização desta  
pesquisa.

---

**Nelma dos Santos Prates**